

O solitário vento do verão

Contos

Newton Navarro

O solitário vento do verão

Contos

3ª edição

Natal, 2013

Um fruto verde

Quando a mulher venceu a encosta e alcançou o alto, o sol já se punha. A mata de eucaliptos parecia mais escura, antecipando a noite, e as folhas chiavam e perfumavam o tempo. A mulher viu, nitidamente, recortar-se na penumbra, a silhueta do velho galpão de madeira. Chamou suas últimas resistências e conseguiu apoiar-se no portal de tábuas carunchosas, onde as dobradiças enferrujadas e tortas não sustentavam mais a grande porta que tombara para dentro. Alí, a sombra era mais espessa. Ela sentia uma vaga noção, em meio a sua náusea e as fortes ferroadas de dor, que seria possível apalpar aquela massa escura, a seu redor, viscosa, como uma pasta que lhe escorresse pelo rosto e lhe revestisse o corpo pesado.

Arriscou mais umas passadas. O pé direito, meio entorpecido, sentiu resistência num pedaço de ferro. Mas o impacto não lhe provocou mágoa. A “sua” dor era maior e espalhava-se por todo o corpo, principalmente pelo ventre demasiadamente crescido, como se um cinturão ardente a envolvesse cada vez mais apertando-a. Seguiam-se então intervalos de quase inércia. Lassidão invadindo-a por completo e ela, a mulher, sentia que logo mais *tudo* estaria para acontecer.

De Três Águas até ali, na velha serraria, fora um estirão de algumas léguas. Verdade que viera se esquivando pelos atalhos, sabe Deus como, a carregar a barriga cheia de dor e de convulsões que faziam pesar ainda mais. Deixara tudo para trás: a casa, seus trastes, sua vida mal começada. Somente trazia consigo a presença inarredável do Homem (nem mesmo tinha a noção exata da nova carga que carregava. Pois “aquilo” ia existir ainda. O que fosse, o que viesse a acontecer, o desfecho de tudo, estava por vir; era seu futuro e o futuro não lhe interessava). O Homem – companheiro de sua vida, ainda vagava ao seu lado como acompanhante. Por vezes tentara falar-lhe, e embora distante (tanto tempo!) léguas e léguas de noites e dias (por onde meu Deus? Pensava em seus desesperos), ela se confortava em dizer-lhe palavras quentes, na sua ausência, em meio à caminhada, quase sem destino, com “aquilo” a magoar-lhe o corpo exausto.

Vagara assim sozinha pelos atalhos do campo, embora o que mais desejasse era encontrar um pouso para a noite, que ela sabia estar tão próxima. O seu “futuro” estava ali, um pouco abaixo dos olhos, e ela nem por isso se incomodava. Muito, muito mais, lhe atormentava a ausência do Homem. Fora-se, a bem dizer, sem avisar nada. Um dia anoiteceu e não amanheceu. Ganhou o mundo... (A mulher se inda-gava, então, na cama, contorcendo-se de raiva e amor ferido. E imprecava e rasgava as roupas, e pior ainda, já sentia que seu corpo se deformava, que rompia as linhas juvenis, razão outrora da sua graça, todo o seu chamariz – com diziam (*na rua*). O Homem se apartara e ela se encontrara, assim de repente, sem apoio para o seu futuro que nascia em si mesma, crescia a olhos vistos, entumescido, como um tumor, qualquer coisa que lhe atemorizava e lhe pesava, até mesmo na cama do quarto ordinário onde não sabia mais como pagar a diária, comprar alimentos, remédios, roupas...

Até que um dia a pequena rua de Três Águas se fez variante tortuosa em sua vida. A rua, com a saída do Homem, também se contorcia aos seus olhos. Teve noites de febre e fome. Viu a cara (rostos desconhecidos) de muitos outros (parecidos com o Homem) a olhá-la pela porta entreaberta, sem querer entrar, por olhar somente, coisa de curiosidade. E a mulher exposta sobre o leito do lençol amarrotado, o

corpo disforme, os lábios secos, dizendo não sabia o quê, e vendo que tardava tanto o Companheiro que não chegava mais com suas mãos enormes e rudes para apanhar-lhe os cabelos suados e puxar-lhe as alças da camisa amarfanhada e suja). Ganhou então a rua, que saiu conduzindo-a por aí a fora... Foi-se. Ouviu mal ou não quis ouvir o rogo das outras mulheres que lhe diziam coisas, profetizavam misérias, doenças, morte. Morte era coisa que sempre temera, desde menina. E o homem sempre a protegera, à noite, nos seus braços fortes. Ela se amparava nele. Deslizava entre os seus punhos vigorosos como uma lesma – corpo frio e mole que se aninhava palpitante. Eram seus desejos, suas compensações... E o Companheiro era o seu futuro e prometia, prometia, meus Deus! Agora, “aquilo” pesava-lhe em todo o corpo. Às vezes se agitava e ela esperava (o quê?), desgraçada de si, sem o Amigo que andava longe, pelo mundo, no ermo desconhecido de sua desesperança. Aquele campo enorme. E ela olhava em torno as cercas, o matagal, o rio aberto sob o sol do meio dia (quando o atravessara), as moscas zunindo nos detritos do curtume, o giro lento dos urubus em enormes círculos escuros dos voos baixos, até quando foram descendo continuamente e ela não se controlou e protegeu-se com um grito vazio de tudo (bem que se lembra), sustentando o ventre enorme, mas não protegendo “aquilo” e sim o Homem que fugira, embo-

ra estando ali, torturando-a com a sua ausência ou com a desolação em que ela mesma mais se abandonava...

Na velha serraria, a mulher adivinhava agora muita coisa. As dores progrediam. (A centopeia abandonada no pátio da casa antiga de infância e que ela cobrira com brasas ardentes, estorcia-se, cintando-a agora, de um fogo terrível. As patinhas torturantes enterravam-se na carne inchada do seu ventre, meu Deus! Meu Deus!). Lembrou-se de que no bolso da saia trazia fumo e fósforo que as mulheres lhe haviam dado. Tateou as coxas e descobriu o contorno da caixa. Abriu-a. De pronto caíram alguns palitos. Mas um, entre os dedos contorcidos, conseguiu se atritar com um dos lados da caixa e em breve se inflamou. Seu olhar espantado (menos de indignação do que de *dor*) correu o vasto galpão. Viu tudo, de relance. E tudo – os objetos, as cores funéreas e noturnas, os relevos, tudo caiu de cheio dentro dos seus olhos enormes e molhados, como num poço novo onde marulhava um veio de água rasa. Tábuas desarrumadas, ferragens em desuso, a correia larga da serra, pregos, pontas de ferro sujo, pequenas lâminas, tudo desabando para a sua visão, dentro do furtivo clarão do fósforo vacilante. Mas, logo a luz bruxuleou e morreu. A mulher pensou em gritar (*Pensou*, não era bem o que havia se passado. Talvez gritara...). Mas o certo é que sentia a terra de barro batido bem junto do rosto. Ao seu lado estava o

chão como companheiro (e o Homem distante, sem o seu abrigo, ali, em meio àquelas convulsões dolorosas). As mãos distendiam-se, vorazes, tateando o vácuo e firmaram-se por fim no ventre de espasmos. (*seria agora?* – pensava a “*sua dor*”). A mulher sentiu-se então na maior solidão de sua vida. “Aquilo” que estava a contorcer-se em si mesma não lhe fazia companhia. Continuava mais só. Irremediavelmente só, num mundo escuro e mau, onde o Homem sem presença continuava consigo, abandonando-a... Gritou. Sim, dessa vez ouviu bem seu grito que mais foi para si mesma, entornando-se nas próprias entranhas queimadas. A boca ressequida se enchia e transbordava de palavras quentes, misturadas com a treva mole e visguenta. – Meu Deus!... DEUS! – Soluçou (não ela, mas a sua desdita). O que ia acontecer naquela solidão enorme?

(... longe, muito longe, por detrás do capim baixo da lagoa, qualquer coisa aparecia igual ao telheiro sujo da sua casa. A chaminé fumegava. E os pombo, espalhados no céu da tarde! Onde estariam eles? Outra coisa que sentia bem fundo, como se o acontecido fosse em seu próprio ser (*e na verdade ERA*), é que arrancavam a grande raiz da gameleira velha do pátio da fazenda. As grandes nervuras fincadas no corpo da terra se contorciam, resistindo... Mas, assim mesmo, puxavam-nas brutalmente, rachava-se o solo, arrancavam tudo! Os tentáculos da árvore, como uma

aranha enorme. Agitando-se. Contorcendo-se – mil cobras se estirando. O corpo da terra ferido. Corria seiva escura por toda a parte. (Seria sangue saindo do barro violentado?).

... gemeu um gemido sofrido fundamente, o mais que pôde. Gaguejou um grito e se abandonou. As mãos molhadas de suor (e daquele húmus pegajoso que corria da terra de sua infância) enterravam-se no chão batido (que resistia) da velha casa. Com pouco, porém, se acalmou. O vento, lá fora, agitava a mata de eucalíptos que mais perfumava a noite. (... o capim, junto ao rio, antigamente, parecia cantar qualquer coisa de embalo:

minha mãe me penteou
minha madrasta me enterrou...

não ouviu mais nada. Quase um sono escorreu-lhe dos olhos e não fosse o choro novo, irritante e convulso, quase gritando, ela poderia repousar pelo resto da noite.

A espinha dorsal resistia, parecendo fincada no solo. Mas a mulher, com muita luta, conseguiu voltar-se. Outra vez procurava a caixinha de fósforos. Os dedos sujos sustentaram a chama de cor amarelada que lhe mostrou, logo mais, ao seu lado, “aquilo” que esperneava, ainda preso ao seu corpo. (Sentiu *nojo*, a bem

dizer. Separar-se “dele” era o mais difícil e no entanto o mais urgente, e a mulher o conseguiu valendo-se de uma velha lâmina que limpou no plano da blusa).

Para que aquela “coisa”? (Indagou-se). E outra vez o Homem lhe fazia falta em todas aquelas explicações. – Será que não podia livrar-se “daquilo”? Voltar para a sua cama, no quartinho pobre, e esperar o Amigo que tardava tanto?

Outro palito de fósforo teve que acender. O menino chorava sem cessar. Qualquer coisa feia, vermelha, informe, contorcendo-se ao seu lado. (Lembrou-se de um ninho de ratos novos que vira, certa vez, atrás do baú, no quarto da sua MÃE).

... *mãe*. Pela primeira vez pronunciou em todo o martírio uma palavra compreensível. E repetiu-a muitas vezes. (*mãe, mãe, mãe...*) cada vez mais sonora, mais fluida, mais cantante. (Alguém assim que pusesse em seus lábios ressequidos uma gota de água. Um roçar leve de dedos sedosos pelo seu rosto suado. Uma cantiga de ninar soando aos seus ouvidos. Toda a noite se enchendo de palavras cantadas. A treva se dissipando. Mãe, mãe... E subia a serena *palavra*, como uma estrela, na noite do velho galpão abandonado).

O menino continuava gritando. Contorcia-se, irritava. A mulher fez novo esforço, juntou velhos gravetos, misturou-os a pedaços de sua camisa esfarrapada e acendeu nova chama. (Descobriu que restavam pou-

cos palitos milagrosos para combater a treva). Agora o galpão estava menos aterrador. A mulher olhou-se primeiro, depois do filho que azucrinava. Tentou, a princípio, desviar as vistas para a porta arrombada e sair pela noite enorme. Alguma coisa, no entanto, puxava seus olhos para o pequeno corpo que arfava.

– Meu Deus, o que fazer agora?

Foi quando *alguma coisa maior do que todas as forças que a cercavam, maior que o mundo escuro lá de fora*, irrompeu em sua vida desmantelada. Como se o Homem estivesse ao seu lado e a ele tivesse de entregar-se por inteiro. As mãos subiram e, contra o fogo, a sombra enorme cresceu até o telhado, onde a claridade das estrelas já descia pelas frestas das goiteiras largas. (Meu DEUS!, ela gritava. E não eram mais as dores e sim uma dor sozinha e maior. Misto de solidão, abandono e ódio. Feita de mágoas antigas, saudade e infância. Dor maior que passava da estrita limitação da dor do mundo. Era *sua*, e no entanto vinha de toda parte. Era, mais que tudo, a ausência do Homem, transformada em ódio. E ela – a Mulher jovem, suja, deserddada, *sem nada e sem Deus*, pedia a quem quer que fosse uma solução, qualquer dízimo a pagar pelo seu fadário. Suas mãos abertas altas, elevadas sobre o mundo dos homens, mundo desditoso

e cruel, reclamavam a sua *Vingança*. (E o que seria a *vingança*, na sua vida infeliz, sem o Homem para protegê-la?).

... Alguém, da porta escancarada, teria visto então, espantado, e sem poder acreditar, as disformes mãos da mulher, nas dimensões aumentadas pela luz amarela do fogo, de encontro às paredes fumarentas, baixarem-se cruéis, terríveis, vingativas, e os dedos, como dez serpentes odientas, se enroscarem no pescoço ainda mal delineado “daquilo” que aos poucos se foi caindo, até, num regougo final, estirar de todo o pequeno corpo onde a vida morara por tão pouco tempo...

Com a noite serenando, os ratos começaram a ronda entre as velhas tábuas de serraria, agora ensombrecida, pois o fogo de apagara. (Que noite cheirosa a eucalipto!). A mulher tinha os olhos e a boca secos. Andara tanto e sofrera tantas dores...

“Amanhã, logo cedo, voltarei para Três Águas. O delegado saberá de tudo. (Era a única autoridade para julgar *seu caso*, e mesmo já estivera na cama com ela). De certo, haverá alguma razão em toda a minha história... Agora preciso descansar um pouco”.

... e adormeceu dentro da noite cada vez mais escura e perfumada.

Setembro, 1960.

Raízes

Sentava-se horas inteiras no oitão da casa, a olhar o vasto campo de terra escura. Falava consigo mesmo; fazia os seus planos em silêncio e imaginava, fantasticamente, o tempo da colheita, quando a terra pacientemente trabalhada, há quatro meses, se transformaria num enorme campo de milho. Pensava em como todos se admirariam e os vizinhos abelhudos a exclamarem “sim senhor, quem diria, esta terra imprestável que era se transformou rapidamente”; eu então Ti’Ana, mexeriqueira, apurando os óculos, a fazer escândalo da novidade, depois da missa. Imaginava tudo e não seria dessa vez que se frustrariam as suas esperanças.

Olhava a terra e sentia-se mais dono de si mesmo. Como se plantasse naquele chão escuro, velhas sementes de esperança. Raízes antigas se estendiam mais no seu coração. E ansioso, esperava que também as folhas novas aparecessem, amarelas, vivas, alegres, na luz violenta de outra manhã como aquela que agora lhe enchia a alma de claridade.

Há desses contatos enormes e misteriosos em que qualquer homem se descobre parte da natureza. Sente tremores secretos que avançam sobre a sua vontade. Não quer mais se anular no silêncio e engano aparentes em que vivia. Olha as mãos, os braços, o corpo inteiro e descobre em si mesmo uma missão diversa. Como se todo ele fosse uma coisa nova, prestes a transformar-se em alguma outra surpreendente. Uma forçosa participação com a terra. Revolve então o campo, ou constrói uma casa. Finca vigas bem profundas no chão e mais, cada vez mais, sente que nunca poderá afastar-se dali. As mãos escuras, sujas de barro, cheirando fortemente a profundidade, a seiva, a vida interior, deixam-no mais vivo ele sente que enfim chegou a hora de sua renovação. Não se vinga da terra absolutamente. Amacia-a. Prepara um campo com desvelo e cuidado como se o fizesse a uma mulher. É verdade que se torna às vezes violento. Mas tudo não passará de rompantes; alisa depois porções de areia, aduba com carinho as terras mais fracas e planta se-

mentes e espera o rebento como se espera um filho. São tremores e fatos misteriosos; noites seguidas de insônia, aguardando murmúrios, movimentos; deitando outras ocasiões, no próprio chão, para melhor sentir o crescimento das raízes, num contato mais íntimo; amando intensamente e de mais perto seu pedaço de campo, onde deitou sementes: um filho talvez, amanhã, na claridade do sol. Assim é o homem que ama o seu chão de trabalho.

Com a tarde, o chão se tornou mais cinzento. O brando vento sul foi tangendo grandes novelos de cúmulos que por toda a tarde se adensaram sobre a terra de Rosário. Horas depois, o crepúsculo violentava-se em cores rubras e do nascente subiam enormes pedaços de noite. Jonas sentia todo o corpo cansado e estranhava a dor de cabeça que deixara injetados seus grandes olhos. Quase vinte anos de trabalho e nunca o cansaço, o sono, nem mesmo a doença conseguiram abatê-lo. Bastavam as horas da noite para que as energias deixadas no trabalho do dia se refizessem e, na outra manhã, fosse um homem disposto.

Mas, àquela tarde, sentia-se diferente; o amanho da terra, de certo, lhe arrancara as últimas reservas e a febre de ansiedade e espera queimava-lhe a cabeça e fazia arder-lhe os olhos. Quando a noite encheu o vale e a terra se tornou mais escura, todo o campo cheio de treva e silêncio, Jonas já não suportava

o corpo derreado sobre o peitoril da janela. Acendeu o candeeiro e amoquecou-se na esteira da cama, arrendo de febre. Lá fora, o vento brando varria o telhado e o noturno alto cobria o campo escuro, cheio de sementes que começavam o silencioso misterioso da germinação.

Ardeu em febre, durante a noite. O delírio aumentando sempre e a imaginação solta, criando os sonhos fantásticos que o atormentaram durante a vida. Balbuciava palavras quentes e incompreendidas, vez por outra gritando mais forte:

– A terra...

E caía numa sonolência para logo rebentar em soluços, as mãos ásperas e nodosas, revolvendo a coberta suja que fazia as vezes de travesseiro. Ou então as unhas escuras rasgavam o piso do quarto, como se cavassem a terra. Era o delírio constante da colheita. Toda a sua vida que dedicara ao pedaço de chão escuro, que naquela tarde havia terminado de limpar e onde jogara os primeiros grãos. Até uma pequena herança, que tinha, vendeu. Desfez-se de tudo. Contanto que aquela nesga de roça lhe pertencesse. O dono, que muito pouco caso fazia da propriedade, não duvidara em vender a terra por qualquer preço. O mato crescendo, as pedras, tudo encobria um mistério que somente

ele parecia conhecer. Era uma terra imprestável para todos, e muitos zombaram quando se desfez da sua pequena economia e da própria herança, por tão insignificante capoeira... Jonas sabia, no entanto, as razões do seu sonho. Gastou cinco longos meses na limpeza e adubo do campo. Sozinho, trabalhou até alta noite, quando a lua grande e clara deixava no azul escuro grandes círculos luminosos. Ausente inteiramente do amor, dedicava-se à terra, como um homem apaixonado. O contato e o cheiro do campo contentavam-lhes os apetites. Era um homem misterioso, distante de todos, fugindo sempre da cidade e dos outros homens. E no entanto era um homem feliz no seu mistério.

Noite a dentro, o vento vai aumentando de violência. O barracão geme nas velhas tábuas. Jonas sente-se insuportável naquela escuridão. Conversa alto. Oferece preços, regateia, dá gargalhadas violentas e por fim caminha até a porta, num andar trôpego, já impossível de equilíbrio. Suspende-se, quase, no portal e contempla, sob as estrelas muito acesas, o seu campo de milho. E, no delírio, folhas amarelas, demasiadamente amarelas, agitam-se no vento. Atenta mais, e descobre até as espigas, novas, às dezenas, aos milhares, subindo no meio da noite. E Jonas procura caminhar até a sua plantação fabulosa. A mão solta o portal e os olhos em febre enchem-se de folhas amarelas, de espigas, de terra também, de terra escura. A

sua terra... Ri um riso estúpido, um riso quente e os lábios partidos, sangrando, misturando-se com a areia. Ri e sente e o gosto acre da sua terra. As mãos se afundam e até parece sentir no estremecimento final as violentas palpitações das suas sementes que germinarão no chão escuro e profundo.

Os vizinhos fincaram a cruz, numa das covas do seu campo de milho. Veio a chuva, o sol e luas bem claras passaram sobre o vale. Um dia, afinal, começaram a rebentar pequenas florações do chão. Hoje, as hastes já encobrem a cruz com que os “moradores” marcaram o corpo do estranho agricultor. Logo mais, todos virão para a colheita. Belas mulheres cantarão ao sol colhendo as espigas maduras. E a terra cuidadosamente cultivada passará a um novo dono. Não faz mal. Jonas repousa para sempre junto das suas raízes. Ficou misterioso e feliz entre as suas sementes, sem que ninguém lhe perturbasse ou indagasse as razões do seu sonho. Todo o vale ainda hoje fala da sua história.

Há desses contatos enormes e misteriosos quando qualquer homem se descobre parte da natureza. Jonas foi um desses acontecimentos. Sentiu a necessidade da terra, mais do que de uma mulher. Como se misteriosas raízes o prendessem a um pedaço de chão onde deixara, igual a tantos outros, no escuro e no silêncio do solo, um pouco da sua seiva e também as raízes do seu coração e do seu sonho.

*A três serenas manhãs
do galo amarelo*

Com a chegada da noite o vento foi serenando. A velha apareceu no oitão da casa, tangendo com o avental encardido toda a criação miúda para o poleiro dos fundos. A galinha pelada era mais arredia e fugiu para o canto do cercado, escondendo-se na sombra. Mas todo o resto obedecia, e lá se ia a velha – ti, ti, ti, ti, tangendo o bando. Já então a noite vinha descendo detrás do Serro Grande. Estirava uma nuvem bem longa por toda a baixada. Esfiapava-se sobre os picos da serrania e com pouco apagava o resto da luz que chamejava por cima das quixabeiras velhas do rio.

Naquela tarde o galo amarelo estranhou o pátio, a companhia das outras aves, a voz macia da

velha e a própria maneira do anoitecer. Ressentiu-se tanto que não cantou, como era de seu costume, quando o ventinho da tarde soprava e no seu poleiro natal os pombos, aproveitando a brisa, amaciavam lentos voos sobre os cercados.

Ali, agora, era diferente. Verdade que ainda estava meio tonto da viagem. Viera num caçuá, apertado entre porções de embrulhos e um inquietante casal de patos que durante toda a marcha não se cansaram de reclamar num grasnar miserável. Tinha ainda as pernas doídas de tão fortemente amarradas que estiveram durante mais de cinco horas. A crista parecia chamejar e as belas penas amarelas do peito, caprichadas em desenhos suaves, estavam amarrotadas, e ele não gostava daquilo. Sempre vivera em ordem com a sua beleza: a cauda em recurvo elegante, onde tons azulados e vermelhos davam realce às mais belas plumagens do seu corpo. Mas, foi, obedecendo ao chamado da nova dona. Não sabia ao certo quanto tempo ia demorar naquele terreiro. Não sabia mais nada da sua vida. Ao seu lado galinhas e capões estranhos se foram aconchegando para a noite que já escurecera de todo. Trepado do poleiro, armado entre ramos de jasmim do campo, ficou de olho bem vivo, cismando na meia sombra. Longe, um outro galo cantou um canto triste. Meneou a cabeça, impaciente, e sentiu-se vigiado pelo pedrês que ficara ao seu lado. Não se importou. O que

deseja tanto, agora, lhe era impossível. Susteve-se por minutos num pé só, escondendo o porão atilado sob a plumagem, que, mesmo na sombra, parecia luminosa em seus tons de fogo. Assim demorou mais alguns minutos até que o cansaço o venceu. O olhar altivo apagou-se sob a pálpebra que pesava e a bela crista dentada, como irrequieta labareda, curvou-se num gesto de quem saudasse num “boa-noite” a si mesmo.

Foi no outro dia a sua primeira manhã serena, quando, madrugadinha ainda, deparou-se com a beleza do campo que o cercava. Encheu as vistas com o pátio escampo, o grupo harmonioso das ingazeiras, o pano alvo do leito do rio, as pedreiras, o brilho das malacachetas, na serra fronteira, e o cheiro bom de terra nova que vinha de toda parte. Não se conteve e soltou seu primeiro canto. Deu tudo ao seu saudar matutino e enquanto cantava sentiu orgulho vendo que todos os companheiros o olhavam admirados. Todo de amarelo, o peito cheio de notas claras, parecia diferente dos demais. Dentro do seu olhar ainda chegou a brilhar a estrela da manhã que já se ia apagando com a chegada da aurora. A noite lhe bastara para o descanso e a subida presença da paisagem parecia haver, de pronto, lhe aclimatado nos novos pagos. Fez companhia às outras aves e saltou para o terreiro. No batente da porta do oitão a velha espalhava punhados de milho novo, repetindo o ti, ti, ti, ti, quase cantando.

Não duvidou em bicar cuidadosamente a sua parte, chegando mesmo a se aproximar tanto da mulher, que esta lhe deu de comer na palma da mão enrugada. E, enquanto comia, escutava na estranha língua das pessoas, sons e ruídos que lhe pareceram agradáveis. Exclamações demoradas de carinho, festivos peneirados de mão e até mesmo um gesto mais carinhoso, quando os dedos procuraram alisar-lhe a crista afoguada, e ele assustado recuou.

Assim passou a manhã: feito inteiramente de casa. Vendo em todos os novos donos olhares de admiração, enquanto ele, a modo de pavão, passeava até na sala e no corredor, a sua beleza altiva e colorida. À tarde andou mais por longe conhecendo o campo e o roçado. Entreteve-se com uma franguinha nova que conhecia melhor os lugares e parecia ser dali mesmo. E quando chegou a noite não se fez de rogado, foi o primeiro a se acercar da gamela onde a velha deitou o fubá molhado e fazendo-lhe os mesmos agrados da manhã. Sentiu-se tratado diversamente dos outros e por isso, antes de subir ao poleiro, em meio ao terreiro, alteando bem o longo pescoço, soltou o seu canto onde havia uma breve nota de mágoa – dessa mágoa que há nos belos cantos de despedida noturna. E adormeceu feliz dentro das suas penas amarelas...

Na segunda manhã, já de todo refeito da viagem e por demais íntimo da sua nova morada, o dia

lhe pareceu um intenso e contagiante convite à vida. De há muito, nos seus campos natais, descobrira em si mesmo um amor diferente pelas manhãs. As horas matinais pareciam mais vivas. O dia, pelo contraste que o oferecia sempre, pareceu-lhe uma estação mais feliz. Essa a razão porque sempre fizera das manhãs o seu instante mais vivido. Não perdia um momento. Cantava com alma, passeava a sua beleza com uma graça diversa, dispensava atenções demoradas ao menor detalhe do dia que ia crescendo dentro da luz. Serenava, por assim dizer, pelo terreiro ensolarado ou nos capões do mato, distantes de casa. Mas, de preferência, rondava o pátio, subindo muitas vezes ao peitoril das janelas ou, mais atrevidamente, na larga mesa da cozinha, onde a criadagem comandada pela velha, sua amiga, providenciava dos trabalhos do almoço. Serenas as manhãs do galo amarelo em sua nova casa!

Veio a terceira manhã, sempre rica de surpresas, e no decorrer de todo o dia, as atenções e favores com que o cercavam convenceram-no de uma vez por todas de que ali era mesmo o seu lugar de mando. Já sentia isso, perfeitamente, no olhar distante e atencioso dos outros companheiros, principalmente na franquinha que o acompanhara no primeiro dia, e a que concedia o direito de o seguir nos seus passeios pela casa. Como era estranha a vida! Mal chegava a um terreiro desconhecido e logo se fazia de rei, cortejado

pelos novos donos e respeitado pelas outras aves que lhe faziam companhia, tão mais velhas do que ele naquele poleiro. Somente poderia atribuir esse sucesso às suas belas penas amarelas. E mais fegoso pôs-se a passear dentro de um louro pedaço de sol que entrara no alpendre pela fresta do telheiro...

À tarde, a casa de encheu de um movimento maior. O copiar cheio de montarias que continuavam a chegar de fora. Arreios, selas, pessoas se apeando, bagagens e um vozeiro espalhado pelas salas. A cozinha era um inferno de confusão. Tanto era o azáfama que o galo amarelo se sentiu, pela primeira vez, assim como que desconsiderado.

Um menino que ele jamais conhecera (de certo chegado há pouco com aqueles estranhos) tentara, já por diversas vezes, arrancar-lhe uma pena da cauda. E vejam, logo de onde, da sua tão cuidada cauda amarela. Uma outra pessoa quase o atropelava ao passar da sala para um dos quartos e até a própria velha, antes tão maneirosa e delicada, enxotou-o asperamente de cima da mesa, fechando a porta para que ele não mais entrasse na cozinha.

Como mudaram as coisas, pensou o galo amarelo, de crista mais baixa, iluminada pelo resto de sol que ainda escorregava sobre as pedreiras de além do rio. Com a noite, pôs-se mais cismarento. Cantou quase desentoadado e acomodou-se a um canto do poleiro,

escondendo, por muito tempo, a cabeça afogueada sob a asa. E quando tudo se fez silêncio, saltou para o chão e pôs-se a andar cercado pela noite e suas estranhezas. No oitão os cavalos se impacientavam e lá nos longes do cercado o bacurau gritou uma coisa triste. Só muito tarde o galo amarelo recolheu-se. Sabia que ia ser difícil cantar na próxima madrugada. Um sentimento de abandono pesava-lhe no peito. E assim adormeceu.

“Ah, o destino” – poderia ter suspirado o galo amarelo em vez daquele canto magoado que entoou. Tão triste para aquela madrugada deslumbrante, foi aquele canto, tão cheio de contraste com a nota luminosa que se espelhava nos quatro cantos do mundo, que alguém, no copiar, pitando um cigarro de palha, benzeu-se e disse um “t’esconjuro”! Depois do canto, ficou de espreita. A velha apareceu na porta, desta feita acompanhada de mais outras pessoas. Ouviu o ti, ti, ti costumeiro e sentiu, perfeitamente, que apontavam em sua direção; que todos aqueles olhos se voltavam para ele (pareciam-lhe olhos que pesavam sobre sua cabeça). Retraiu-se mais e no entanto a velha veio no seu encalço, mais delicada ainda, com a mão cheia de milho dourado. Fugir seria feio. E por que fugir? Meneou a cabeça, bem elegante, sacudiu as asas (que vivo o amarelo estava naquela manhã, e aceitou a oferta da sua conhecida, mas aguardando sempre qualquer cisma). As pessoas de longe continuavam a espia-lo.

De certo que outra coisa não seria senão a sua beleza que despertava tanta atenção. E bicava a palma da mão onde os gordos caroços estalavam. Nessa altura o grito de uma guiné assustou-o. Voltou-se rápido, e já avistou a companheira debatendo-se entre as mãos de um estranho. Outros gritos se sucederam. Regougo de frangos, tatalar de asas, cacarejar assustado. Viu bem perto quando pegaram o pedrês e apalparam o papo, sob exclamação de alegria. O que seria? O que estava a acontecer? E, lentamente, outros fatos semelhantes, e já tão antigos que se perdiam na sua vida, vieram à baila. À princípio, em pedaços desalinados, dispersos, sem ordem. Mas que se foram juntando: outros gritos, outras aves, suas companheiras, debatendo-se entre as mãos de estranhos. A fuga para o mato, o ti, ti, ti perverso e falso que cercava de agrado para o bote fatal. E a matança a que já havia assistido, os pescos cortados, o sangue fresco na pedra da calçada, as penas (e o galo amarelo tremeu todo), as penas esvoaçando pelo pátio, atiradas no monturo, sujas, horríveis! Depois, quantas vezes depois (e ele agora revia muito bem), não fora bicar, sem saber o porquê daquele gesto, a cabeça raspada, depenada, suja de sangue do companheiro abatido...

Essa sua visão foi de segundos. Já a debandada era geral. Um atropelo que não sabia mais definir. Tratou de escapar também, mas, de repente, se

sentiu cercado. Três pessoas tomavam-lhe as saídas. Ficou atarantado. Investiu para o alto. Tentou um voo. Tinha de sair. Mas, seis braços subiram mais alto e dezenas de dedos contorcidos caíram como uma rede sobre o seu corpo. Mesmo assim não se dava por vencido. Por isso investiu, agora com mais fúria, brabo, resoluto. Sentiu que recuavam. Refez-se rapidamente e do chão, onde se acuara, tentou novo voo no vazio. Susteve-se no ar por momentos, até quando uma mão golpeou-lhe o pescoço. Entonteceu passageiramente e caiu ainda zonzo no chão batido. As penas já se despregavam em vários pontos das asas e a cauda tão nobre se amarfanhara toda. Que fazer? Resistir era a sua única arma e foi o que fez. Avançou altivo, as asas agitadas, o bico atilado e as longas unhas levadas à frente, em passadas largas. Foi quando recebeu a segunda cutilada, desta feita na cabeça. O chão rodou várias vezes. O verde do mato parecia uma coisa só, pastosa, atrapalhada, girando muito, como no meio de um redemoinho. Um punhado de penas girava também acompanhando a paisagem que se descontrolara. – Que teria acontecido? Ia aprumar-se quando duas mãos sustentaram-lhe o gesto e seguraram as asas rebeladas. Um som rouco, baboso, saiu-lhe do bico, queria reclamar alto, agitava as pernas, tentava fustigar com as esporas afiadas, procurava tudo contra aquela posição covarde e feia... Mas, foi levado.

O momento passou-se muito breve. Ele – o fogueiro amarelo – ainda não compreendia tudo. As visões antigas se esfumaram. Ouvia gritos distantes, porções de penas entravam-lhe pelos olhos, cebeçorras descarnadas de outros companheiros giravam em torno dele, como os bicos amarelos bem abertos, cheios de moscas, melados de terra molhada, feios, nojentos demais... “Querida sair dali”, era o que mais desejava. Mas alguma coisa fazia pressão brutal sobre as suas pernas. E uma mão nervosa começou a deparar-lhe o pescoço. Para que tudo aquilo? Por que não o tratavam como antes? Por que não o deixavam solto dentro da manhã, para que pudesse recompor as suas belas penas amarelas que deviam andar em petição de miséria? Por que não o deixavam em paz? Por... Sentiu que qualquer coisa se partia dentro de si. Um pouco de carne que se rasgava perto da garganta. Experimentou cantar. Veio um rouco feio: “Ah, mas nem ele mesmo se ouvia”. Estrebuchou todo. Abriu bem os olhos. Começava a escurecer. Já seria noite? Outro tremor sob a plumagem amarrotada e mais profundo descia aquela ponta fria que já começava a doer em todo o seu corpo. – “Seria o sono que chegava? Seria outra coisa desconhecida?”. Num esforço final, agora que sentia as pernas libertas da pressão torturante, e o pescoço mais abandonado, conseguiu erguer um pouco a cabeça desgovernada. E olhou... oh, triste coisa

que viu o galo amarelo! Toda a sua bela plumagem, os macios tons de laranja, o forro purpurino da cauda recurva, o rico debrum das asas, oh, tudo manchado de um vermelho molhado que não era natural na sua roupagem. E não viu mais nada. Um estertorar mais demorado controlou todo o corpo, e a cabeça derreou, quase na borda do prato, onde o sangue caia, num esguicho, do seu flocudo pescoço. Pela última vez, entreviu qualquer coisa... como... assim como se estivesse passeando dentro daqueles sóis vermelhos, quase frios, que ele costumava saudar todas as tardes...

Natal, 20 de outubro de 1958.

Tarde

Toda a tarde foi de vento forte, raspando o telheiro baixo e sujo. A paisagem parecia abandonada; os cajueiros quase rentes ao chão e o morro cercado de vento, mais deserto e mais só. As dunas menores haviam desaparecidos. Somente mais tarde, na quase escuridão da noite, algumas gaivotas se aventuraram em voos rápidos sobre o mar do Golfo. Havia serenado a paisagem com a entrada da noite na praia violentada. Restavam o marulho lento das águas, quase num acalanto, e o assovio do vento sobre o vilarejo.

A mulher fez fogo na sala e com a luz, as velhas gravuras, na parede amarela, pareceram reanimar-se. A mulher foi à janela e sentou-se olhando demoradamen-

te a praia abandonada. No canto o homem ressonava alto, às vezes em convulsões que despertavam a mulher dos seus pensamentos. Uma pancada de vento mais forte trazia pedaços de cantigas, agitava o pano da mesa e as flores de papel, no vaso de louça; o farol ficava oscilando e o homem remexia-se na cama em desordem.

Cansou de olhar a praia e voltou-se para a sala. Pôs-se inquieta. Nada mais parecia estranho naquela casa. Nada guardava o sabor de uma surpresa, de um mistério. As louças antigas, as malas, as roupas sujas de maresia, as gravuras, o álbum de capa de veludo cheio de retratos do homem em suas viagens pelo mundo. Tudo já descobria em procuras diárias e sentia-se agora, enervada, ansiando por alguma coisa que lhe parecesse diferente daquela rotina; que na realidade fosse desconhecida, absolutamente desconhecida... O homem bebera o dia todo e na certa acabaria qualquer um dia desses em algum canto de praia. Ele mesmo tornara-se uma pessoa comum. Um ano somente havia transformado tudo. Um vento daqueles da tarde, soprando violento, deixara farrapos de vida, forte temporal humano dentro da sala, num espaço de poucos dias e noites. E depois a calmaria insatisfeita. A desolação inconformada no corpo novo da mulher que sonhava mistérios.

O homem bebia antes e continuou bebendo mais ainda. Os olhos injetados pareciam guardar as aventuras antigas, os roteiros e os mistérios das sete

grandes viagens. A mulher ia-se aos poucos esvaindo em seu pensamento e de repente sumiu. O dinheiro ainda havia restado, o suficiente para uma nova aventura.

Mas o temporal também devastara muito os desejos da mulher. Apagara os caminhos de volta e isolara o seu corpo no meio da sala, frente ao homem forte e loiro, a quem não sabia ao certo se amava. Havia mais um desejo violento e uma insatisfação total. Tentara beber também. Nada adiantara. Os vapores subiam e o corpo inútil resvalava na cama, disforme, ao lado do homem sonolento e suado. O amor chegava como ficção, sem realidade nenhuma e o ventre estéril exigia o impossível para a germinação. Chuva e sol, com espaçosas temporadas de calma. A princípio havia uma quase satisfação. Mas vinham as exigências redobradas e o impossível estancava todas as possibilidades do desejo. Qualquer dia o forte temporal humano voltaria para dissolver aquelas vidas e da casa somente restariam as paredes amarelas e as gravuras sem cor. Haveriam de dizer que há muitos anos vivia abandonada e que desconheciam inteiramente os seus habitantes.

A desolação cresce com a noite. Levantou-se e despiu a blusa. À luz, os braços pareceram mais descarnados. Levou as mãos ao pescoço. De frente, no espelho da parede, as axilas tornaram-se mais escuras. Riu nervosamente e o homem remexeu-se na cama. Alguém passou na rua cantarolando. A mulher apagou a luz da sala e as gravuras sumiram-se na noite total. No escuro, o marulho das águas parecia mais forte. Vento no telheiro e ratos que corriam no chão de madeira, sob jornais antigos. Sentou-se na cama e jogou os sapatos com deboche. O homem agitou-se mais ainda quando as mãos frias alisaram-lhe a barba loura e o peito tatuado. A mulher pensava no inútil amanhã e nos seus impossíveis caminhos de volta. Continuará procurando os mistérios desejados. Enfim, já era alguma coisa; segurou com ternura a cabeça do marujo e sentiu na boca e gosto ativo do rum...

Três frutos podres

Depois da chuva ficou um vento frio, que vez por outra passava mais pesado, batendo janelas e aperreando o gado no curralzinho do oitão. Na sala, Chico ponteava a viola. João empurrou a porta e veio pelo corredor abafando as passadas no solado encharcado das botas. Chico pinicou mais alto uma corda. O gado inquietou-se outra vez com o vento. João já havia chegado à sala e foi deixando de lado a espingarda, o bisaco sujo e a cabaça de água.

– Matou alguma coisa?

João desceu o batente na direção da cozinha, sem dar resposta. Jogou na pedra do fogão as duas marrecas ensanguentadas e voltou outra vez à sala.

– Viu Néco?

Era Chico falando. Disse e dedilhou o começo de uma toada.

– Anda por aí...

– Perguntei se viu.

A toada se esboçava mais clara. Gemente.

– Deve andar por perto.

A frase melódica, reiniciada desta vez, foi mais longe. Desenvolveu-se. Encheu o vazio friorento da sala. Lá fora, silenciara mais o vento. O rapaz abriu a camisa mostrando o peito cabeludo e suado. Embora a tarde estivesse fria, as suas têmporas e o peito porejavam. Sentou-se na espreguiçadeira, perto do estiado dos potes de leite.

– Néco já devia ter voltado.

Falou Chico. João bocejou e olhou pela primeira vez o primo. Os dois se olharam. Chico rapidamente desviou o olhar para o bojo da viola e arrepiou uma corda qualquer, assim sem jeito.

– Vai chover ainda?

Perguntou João.

– Não sei...

E João estirou-se à vontade, passando as mãos pela nuca, a modo de travesseiro. Ficou olhando a cumeeira alta. Seus olhos, não fosse a escuridão que começava a encher a sala, pareceriam mais pesados. Assim como se estivesse com muitas noites de insônia.

– E se o Néco...

– Ora, Néco, Néco, somente sabe dizer isto?

Atalhou violentamente João desmanchando a pose de descanso que havia tomado. Sentou-se na cadeira e derreou a cabeça entre as mãos.

Chico olhou-o assustado. Encostou a viola no pé do tamborete e ficou sem saber se prendesse seu olhar de indagação no rosto do primo ou se procurasse disfarçá-lo pelos cantos escuros.

O silêncio e a escuridão se espalhavam cada vez mais. O ambiente parecia pesado, quase opressivo. Mas Tia Santa arrastou a porta, lá fora, no oitão da cozinha. Tinha ido ao rio ver como andava a horta, depois da chuvarada. Veio tangendo os chinelos pelo cimento molhado.

De novo o vento soltou-se e um bicho urrou.

Agora o grande farol de flandres estava aceso. Mas, aos olhos de João, toda a luz parecia baça. Tia Santa inquietou-se também com a ausência de Néco. Na mesa grande, os dois sobrinhos de cada lado, o lugar vazio do terceiro inquietava a velha. O silêncio continuava a estirar-se de canto a canto e o vento noturno ainda batia janelas e incomodava os bichos no curral vizinho. As colheres grossas, de ágata, tiniam no fundo dos pratos.

– Vocês não sabem nada dele?

Foi Tia Santa quem falou. Os olhos de Chico, protegidos pelas sobranceiras pesadas e caídas,

procuraram o rosto de João. Este continuava tomando, a grandes sorvos, a sua coalhada.

– Hoje não é dia de campo, pra Néco custar tanto assim...

A velha mostrava-se intrigada.

– Viu ele não, hein, João?

O moço limpou os beiços no dorso da mão e encarou a Tia.

– Vi na hora do almoço... Vocês todos viram também...

E abanou a mão, desleixadamente.

– Vou mandar chamar Teodósio, para dar uma batida por aí...

Tia Santa levantou, carregando os pratos sujos para a cozinha. Bateu uma janela na sala de frente e mais longe uma cancela respondeu.

– Coisa de agouro... Benzeu-se a velha.

– Vai Chico, chamar o Teodósio.

Chico se levantou e saiu pelo oitão.

Mariposas entontecidas giravam em grandes círculos, em torno do farol. E vez por outra, vinha até a sala, um murmúrio de água descendo do rio que passava nos fundos do cercado.

A batida resultou improfícua. Teodósio, com alguns trabalhadores da fazenda, deu uma busca geral pelos cercados vizinhos e chegou mesmo até bem per-

to da cidade. Mas a noite estava fechada demais. Nada ajudava naquela procura. Conformaram Tia Santa a esperar pelo dia seguinte. Quem sabe se Néco não teria ido farrear para as bandas do Curralinho, ou mesmo mais longe, lá nos Paudarcos, fazendas onde a turma sempre gostava de sambar nas noites de sábado?

Tia Santa fez-se aparentar resignada. Fechou-se no seu quarto e ficou de vigília, o quanto pôde, ao pé dos seus santos. João passou a rede na sala, pretextando indisposição de ficar na camarinha, ao lado de Chico.

– Queria levantar-se mais cedo... A preocupação pela ausência de Néco era muita...

Isto, disse ele, não sem uma censura velada de Chico que se recolheu cada vez mais intrigado.

Pela meia-noite a chuva voltou a cair mais grossa. Pingaram as goteiras e o gado urrava tristemente. De vez em quando a cancela batia uma pancada de agouro. No alto da cumeeira, o vento parecia enganchar e ficava uivando feito bicho doente.

Quem não conseguia dormir era João. Estirou-se na rede vestido como estava quando chegou do mato. Tinha os olhos inquietos no meio da treva grossa. Não encontrava posição para se acomodar. Mudava de canto. Recobria-se com as varandas. Emborcava-se. Ia de punho a punho.

Já amiudavam os galos os primeiros cantos de manhã molhada, quando ele pulou fora. Apertou

as correias das alpargatas e o cinto enfeitado de adornos de metal barato. Agora, seus movimentos eram macios, mal apareciam na semiescuridão da sala. O menor rumor não perceberia quem estivesse a dormir, ali, ao seu lado.

As luzes do dia escorregavam pelas frestas das janelas. As barras já estavam, de certo, a se desmanchar no espinhaço das serras. Fazia frio.

João esgueirou-se até uma das janelas do oitão. A mão rugosa manejou o ferrolho com o maior cuidado, ao tempo em que amassava fumo para fazer o brejeiro. O que chiou ainda um pouquinho foi a dobradiça enferrujada. Mas um canto sonoro do galo, no terreiro, até isso, ajudou a saída do moço. Galgou de um salto o peitoril molhado e contornou a linha de pau a pique do curral, que começava ali, bem perto do copiar.

Azulava a manhã, ainda trevosa. Cheiro de terra no ar. Terra com água de chuva guardada. Uma estrela solta no céu matinal, pisca-piscando, como se a instante um vento mais forte apagasse de todo o brilho amortecido. Foi também quando Tia Santa despertou, espantada, a perguntar a si mesma por onde andaria Néco. Se já havia chegado...

A fuga de João somente foi esquecida quando Teodósio chegou mais tarde com a notícia pior. Tia Santa não cabia em si de aperreios. Como

dizer uma coisa daquelas – pensava Teodósio. Chamou primeiro Chico e contou.

– O jeito é dizer logo... Era melhor. Conventaram.

O corpo de Néco havia sido encontrado, perto do Riacho do Ouro, a cabeça furada, “bem no meio da testa”, por uma bala. Um filete de sangue grosso e rubro, coalhado, descendo pelo nariz, espalhando-se pela boca, sob a camisa. Estava rígido e frio. Os olhos entreabertos. Os bolsos todos com o forro de fora, como se tivessem sido revistados às pressas.

Tia Santa ouviu tudo calada. Seu olhar é que se alongou muito, vencendo a moldura da janela e se espalhando no campo verde, lá para os recortes da serraria que havia prendido, desde a infância, toda a sua ambição de viajar para bem longe, conhecer as cidades maiores de que tanto ouvia falar. As palavras de Teodósio se foram perdendo. Distantes. Quase num eco.

Depois chegavam pessoas enchendo a sala. Trouxeram chás, palavreados de consolo, agrados. Tia Santa estava longe de tudo aquilo. Talvez revia outras paragens, caras antigas, os três sobrinhos que criara com tanta ternura – “que nem u’a mãe”, como diziam por ali...

À primeira suspeita de que João arribara no meio do mundo, Chico maldou logo, prevendo tudo. Ficou num pé e noutro, esperando oportunidade de tirar a prova.

Agora, com a casa cheia, ele sentiu que era chegada a hora. Tia Santa estava na rede da sala, cercada de comadres e amigas. A qualquer instante chegaria o corpo de Néco. A velha chorava baixinho. João esgueirou-se pelo corredor e venceu o limiar da porta do quarto dos Santos onde a Tia Santa guardava seu baú de couro lustroso, trabalhado de bordados bonitos, feitos com grandes tachas douradas. Ali, a manhã nova ainda não clareara de todo, e pelas frestas do janelão a luz escorregava meio tímida, quase não alumando.

Chico correu de pronto para o baú, conservado num estrado alto, junto do oratório. As mãos ávidas correram, como mãos de cego, os bordos da tampa, à procura de fechadura bem larga, de latão. Os dedos rígidos, nervosos, forçaram a lingueta, que, sem resistência, cedeu à pressão. Não precisaria sequer levantar a tampa. A suspeita que logo cedo lhe acudira, confirmava-se agora. O baú havia sido violado... Mas a sua cobiça exigia ainda outras provas mais concretas. Escancarou com brutalidade o pequeno móvel e a cada detalhe, da sua busca, a verdade terrível lhe aparecia mais clara: caixas abertas, roupa revolvida, cartas

e retratos espalhados, pequenos objetos e o cheiro de naftalina enchendo o quarto todo...

Chico, por fim, certificou-se de que havia chegado por último. Os seus planos semelhavam agora, todas aquelas coisas desarrumadas, no fundo do baú...

Da sala veio um murmúrio mais alto que se fez logo depois em vozerio desencontrado, todos falando ao mesmo tempo. Chico imaginou que o corpo de Néco devia estar chegando. Ganhou rápido a sala dos fundos, alcançou a cozinha, onde algumas pessoas conversavam pelos cantos, e achou-se por fim no terreiro dos fundos. Ouviu que alguém lhe falou qualquer coisa. Mas não deu atenção. Sua preocupação se fazia odiosa. Os olhos injetados, as mãos desordenadas, sustentando, sob a camisa de algodão bruto, o cabo da faca. Os olhos ardendo como se estivesse com muita febre.

A manhã estendia-se toda lavada de sol. Cânticos vivos, sonoros, vinham da mata, reverdecida pelas últimas chuvaradas de junho. O gado urrava no curralzinho do lado, impaciente, porque Teodósio se atrasara aquela manhã e ainda não soltara os animais no pasto. Cantiga de água nova subia no rio. Chico desceu correndo o caminho que alcançava a rodagem, na Quixabeira Grande. As maçãs do rosto, bem salientes, traduziam tremores, pequenas convulsões, que os dentes trincados queriam controlar.

– Tinha que alcançar aquele patife...

Chegou de repente no estradão de terra roxa. Marginou um pouco, como quem vai tomar rumo. Por fim decidiu-se. Ganhou a borda da rodagem na direção da cidade. Suas alpargatas de couro cru estralejavam no pedregulho miúdo da caatinga amanhecida. Ia no faro de João, como cachorro bom de caça...

Os cavalos

Pedro atravessou o vasto capinzal e chegou à margem do rio. A água lamacenta lhe alcançava os joelhos e ele trazia à tiracolo os cabrestos de couro cru entrançado. Juntara-se aos outros meninos da redondeza e saíram com os cavalos para o banho no rio. Fazia isso há muito tempo. Às vezes, a tropa de animais era maior e o trabalho chegava quase ao meio-dia. Mas, de costume, Pedro tinha obrigações apenas com dois baios e uma égua russa. O serviço lhe parecia natural, sem exigir grande esforço. Daí porque todo aquele movimento: o chiado da água no capinzal, o resfolegar dos cavalos e o voo assustado das marrecas na beira do rio, tudo já se incorporara à sua vida.

Os outros meninos espalhavam-se pelas margens com os animais e depois da lavagem soltavam as montarias na baixada extensa e caíam na água.

Pedro alcançou um lajeiro alto, onde as mulheres batiam roupa e ali, como de sempre, deixou o rolo de cabrestos. Mais ao longe, os outros companheiros assustavam as marrecas dentro das moitas de capim-boi e por toda parte a manhã despejava claridades. Pedro se atrasara um pouco e já fazia tempo que os companheiros pulavam dentro da água. Rapidamente despiu-se, jogou a roupa sobre a pedra manchada de sabão e foi caminhando ligeiro, pela beira do rio, onde o vento fresco encrespava pequenas ondas de espuma amarelada. Os meninos se haviam distanciado muito, dentro do mato baixo, na perseguição às marrecas. Pedro resolveu esperá-los. Assim tomaria banho mais à vontade. Entrou na corrente mansa e deixou que a água lhe subisse ao peito. O moreno corpo molhado luzia ao sol novo da manhã. Deliciava-se com a maciez da água que o envolvia todo. Enfiava os pés na lama e logo mais se empinava num salto a que uma risada clara correspondia num franco anúncio de liberdade. Em derredor a superfície enchia-se de grandes círculos que se reproduziam constantes e iam, mais longe, se desmanchar nas hastes finas e longas do capinzal que ondulava.

Com pouco chamaram o seu nome de trás de uma sebe garranchenta de juremas velhas. Não deu

importância e mergulhou o mais fundo que pôde. Fazia um esforço maior esforço maior nas pálpebras, sob o peso da água esverdeada abrindo um pouco os olhos no fundo do rio. Entreviu então manchas de luz, como linhas distorcidas que se amaranhavam entre o tecido da água. Depois descobriu uma leve poeira azulada, de areia luzente, que se espalhava e pequenas levas de piabas nadando entre as raízes do capinzal. Tentou a respiração e uma porção de bolhas alvoroçadas subiram até a superfície da corrente. Faziam um rumor de água soprada com muito esforço, dentro dos seus ouvidos. Voltou à tona bruscamente. Tomou alentada golfada de ar, assoou-se, abriu bem os olhos, já avermelhados pela violência da água pesada no fundo do rio e respondeu com um gesto aos companheiros que continuavam a chamá-lo. Por fim, a turma descobriu-o e correu toda em sua direção.

Eram da mesma idade. Os corpos nus luziam e alguns carregavam ramos verdes de mata-pasto. Entraram rio a dentro, desordenadamente, espanando porções de água e fazendo o capinzal inquietar-se. Os saltos se sucediam. Os membros roliços luziam ao sol esplêndido que cobria toda a vazante e fazia espelhar os grupos sedosos dos cavalos molhados, mais distantes.

Pedro foi o primeiro a cansar. Saiu resfolegando para a ribeira e daí alcançou o lajeiro. Estirou-se à vontade. Fechou os olhos porque a claridade era muito intensa. Sob as pálpebras cerradas parecia-lhe que se agitavam um sem número de pontos luminosos. Estrias de súbita luz arroxeadas; riqueza de tons dourados, pretos aveludados e dominantes. Espalmou a mão sobre a testa e emborcou-se. Ouvia lá atrás o rumor da turma no banho. Mas, aos poucos, sob o calor que fazia – aquele mormaço desprendendo-se do chão, da própria água, em meio a tudo aquilo, o resto pareceu silenciar. Apoiou o queixo nas mãos cruzadas sobre a pedra e se pôs a olhar vagamente a paisagem. Sentiu primeiro uma sensação muito vaga de completo desconhecimento. Uma variante cortava a sua vida quase animal. Poucos metros dali os três cavalos pastavam na grama verde. O pelo colorido dos baios luzia. Sobre os seus corpos incidia uma fosforescência solar muito viva, e assim eles destacavam na baixada.

Pedro, sem sentir, aguçava a curiosidade. Os seus olhos pararam numa observação misteriosa sobre os corpos dos animais esbeltos, de uma beleza macia, mas viril, com as longas crinas desmanchadas vez por outra pelo vento mais forte. Os membros rijos pareciam salientes sob o pelo molhado. As orelhas eriçadas, as narinas escuras resfolegantes e dilatadas e às vezes a pata irrequieta da égua arranjava o chão

com impaciência. Tinha esta uma beleza mais esqui-
va. Parecia mais lisa, mais enxuta, sem o pelo espesso
dos outros animais. Quase sempre levantava o focinho
alongado e toda a crina se agitava como pequenas la-
baredas de um incêndio prestes a se alastrar.

Pedro não desperdiçava o menor movimento
das cenas a que assistia. Em todo o seu corpo, prin-
cipalmente sob o ventre impúbere, a pedra quente do
lajeiro as fazia sentir num contato impetuoso. Um ca-
lor de carne jamais sentido pelo menino. Semelhan-
te ao atritar suas coxas, ao banhar-se. E agora, aquele
mormaço da pedra parecia subir, espelhar-se pelo pei-
to, forçando os braços a uma distensão... Como se ele
tivesse que abraçar a pedra provocante... Mas os seus
olhos não largavam as ancas espelhantes dos animais,
nem as crinas ondeantes, nem as narinas dilatadas,
nem tão pouco a agitação que dominava aquelas car-
nes vivas demais, debaixo do sol da manhã.

Quando despertou para a realidade de toda a
extensa margem do rio, já os meninos vinham em al-
gazarra, a caminho do lajeiro. De súbito, sentou-se so-
bre a pedra quente. Aguçava-se outra vez a sua curiosi-
dade, investigando um a um, atentamente, os meninos
que chegavam. Antes olhara para todos de modo di-

verso, como se fossem um pedaço da paisagem. Agora, no entanto, os corpos nus lhe pareciam iguais às ancas dos cavalos, luzindo, expondo partes claras, relevos suaves, membros rijos. Parecia ouvir que aquelas carnes se atritavam. O mais alto corria à frente e tinha o cabelo da cor de uma crina de cavalo. Com a carreira toda a cabeleira espelhava dentro do vento forte que o seguia. Pedro sentiu susto e sem saber como, culpou-se de alguma coisa que ignorava completamente... Os calores da pedra continuavam a excitá-lo. E antes que os meninos alcançassem o seu refúgio, desabalou numa carreira em direção dos seus cavalos.

Muito atrás, chamavam continuamente o seu nome. Não deu importância e continuou correndo até alcançar os animais que pastavam formando um grupo de acentuada beleza primitiva. Pedro segurou-se ao pescoço de um dos baios, precipitadamente. Roçou o rosto no pelo macio do focinho do animal que se mostrava insensível. Alisou-lhe as ancas empinadas, depois subiu-lhe ao dorso e se abraçou com as crinas quentes de sol. Sentiu o calor estranho que voltava a queimar-lhe o ventre e o peito...

Já os meninos se aproximavam cada vez mais. Pedro, então, excitou desesperadamente a montaria e num carreirão desabalado, os dois mergulharam na sombra mormacenta do tabuleiro todo verde, ardente de vida, lavado pelo alto sol do meio-dia...

O solitário vento do verão

Como ventou, àquela tarde, em Rosário!

Faz muito tempo já, mas o fato parece reviver, nessa hora da tarde, que outra vez se enche de ventania transbordando das frondes dos eucaliptos, das paredes e frontões das casas e espalhando-se no espaço. Subiam, como agora, porções de folhas secas, papéis velhos, poeira de terra vermelha dos campos vizinhos. Pouca gente pelas ruas. Apenas as casas pareciam adquirir certa fisionomia humana, com as grandes janelas a se espiarem umas às outras. A curiosidade dos habitantes transfigurando-se em quadrados de vidro emoldurado, enquanto a ventania proibia a saída.

Na pequena sala, ainda apagada, Judith deixava o olhar atilado seguir os rodopios do vento, visto

através da janela. Qualquer coisa em si mesma partia-se também, fugindo, despregando-se à custa de safanões, como se lhe rasgassem os vestidos colados ao corpo ainda virgem. Por vezes a sala inteira serenava. Uma quietude maior presidia as coisas. A grande cortina de gaze quase não se movia e apenas a respiração mais apressada de Judith se fazia sentir, como única denúncia de vida.

Em outras ocasiões a mulher parecia mais estática. Quase um desenho de leves traços a carvão, salientando os cabelos longos, presos no coque que vistosa marrafa prendia, e as olheiras acentuadas, fundas, pintadas de tom lilás escuro que as grandes insônias assinalam.

Naquela tarde, porém, uma vida nova parecia agitar-lhe os sentidos. Sentada junto à janela, tinha o busto bem definido no gesto de assomo, preste a despontar. Um pequeno fogo ardia em cada pupila; tinha os cabelos bem postos, e o pescoço esguio, preso sob a gola de renda, com um velho camafeu escurecido. Os pés pequenos se agitavam, como a estudar a decisão da passada que orientaria a viagem. E os longos e finos dedos inventavam, inquietos, pequenas pregas na fazenda da saia.

Na rua, o vento passava aos encontros em paredes e árvores. Chiava entre a folhagem desordenada e vencendo frestas de janelas e portas ia até den-

tro das casas desarrumar os móveis, agitar os cortinados, desfazer a ordem das coisas arranjadas.

Em Judith, aquela ventania louca ia cair-lhe na alma. A cada lufada mais audaciosa que invadisse a sala, os seus olhos pareciam mais vivos. Os dedos se apertavam frementes, e os pés arrastavam-se, balouçantes, no assoalho empoeirado. Duas ou três vezes passeou pelo aposento sombrio. Caminhava ora lentamente, medindo os passos, ora mais agitada, parando por fim, inquieta, junto à janela onde se punha a arrastar o vidro com a ponta dos dedos.

O verão era sempre assim em toda a cidade. A terra seca se deixava levar em ondas pelo vento que, à tarde, passava violento sobre as ruas e os campos. Já se precisava o tempo não apenas no calendário, também no aparecimento da ventania. Dezembro inteiro se entregava aos redemoinhos que pareciam transmutar a vida e a fisionomia das coisas. O chão das ruas se renovava e a copa dos esguios eucaliptos retorcia-se, curvava-se, resistindo à violência.

Judith tomou o pequeno livro que antes folheava. Os dedos compridos amaciavam as páginas, embora o seu olhar vagasse sobre os grandes tipos coloridos. Dir-se-ia um livro de histórias infantis, ou qualquer desses velhos exemplares da Bíblia, trabalhados por piedosos e pacientes frades copistas. A mulher perdia-se no vento que corria lá fora. As muitas lufas-

das que invadiam a sala, em outras ocasiões, pareciam em nada alterar a sua calma exterior, embora a alma se entregasse de todo aos repelões da fúria. Desprezavam-se então velhas lembranças. Revia a sua vida inteira presa àquela casa velha e suja. Naquelas salas bolorentas, entre retratos de pessoas que passaram. E os sustos noturnos, as ânsias, as esperas cansadas pelo dia que ia chegar... Uma mesma repetição monótona, indefinida, irritante.

Via que a sua vida seguia o curso daqueles dias tortuosos e vazios. E imaginava o outro lado da aventura humana. Sabia haver esse outro lado misterioso. Ou mais que isso, a sua solidão já descobrira muito do surpreendente que a vida guardava para os homens.

O inconformismo teria que chegar a um termo. As normas familiares prendiam o último elo dessa cadeia de solidão. Via-se no espelho enorme do quarto e, ao amadurecimento que o tempo lhe infrigia, sentia acender-se como resistência uma luz arroxeadada, de tom funéreo, guardada em sua alma. Uma chama que a levava em meio à solidão – escuro corredor que sempre retrocedia até a infância. Tinha assim os desejos cada vez mais exigentes. Terríveis cães guardados, que uivavam na treva dos seus sentidos. Soltá-los, por fim, seria extremamente fatal. E sabia ela muito bem, que em sua fúria, eles arrastariam seu corpo pelos ca-

minhos do mundo, para bem longe de Rosário, daquela casa, dos seus fantasmas.

Que diriam da sua decisão, há tantos anos preparada, entre o escuro daquelas paredes? As irmãs moravam longe, casadas, preocupadas com a rotina de suas casas povoadas de filhos numerosos. Ela, sozinha, ficara na casa moribunda, a velar a memória dos que se foram, cumprindo uma promessa forçada, feita à mãe agonizante.

Meses depois do enterro, porém, foi se desvencilhando uma a uma, das velhas obrigações. Passou a demorar mais no atendimento da correspondência. Pretextando doença, faltou amiudamente às rezas, depois às missas e por fim despreendeu-se de todo o movimento social de Rosário. Trancou-se em casa, com velhas criadas, a ruminar seu tédio e seus planos. O corpo virgem avolumou-se, deixando-se tomar de um acentuado tom ceroso. Somente os olhos revivenciam a cada manhã. A princípio procurou entreter-se na leitura de folhetins, aventuras amorosas, casos passionais, histórias romancescas. Mas, em breve aborreceu-se e voltou às suas imaginações, mais amplas, mais suas, mais fantasiosas e tantas vezes lúbricas. Chegou certa manhã (era maio, com muita chuva), a se vestir de noiva... Um antigo vestido que pertencera a uma tia que às vésperas da boda fugira com um empregado de casa. A seda pesada, envelhecera na caixa, e em alguns cantos partia-se já.

Diante do espelho, Judith posou durante muitas horas. Os olhos mais vivos, as olheiras mais acentuadas, os dedos finos e longos correndo pelo busto, entre as flores de laranjeiras e os adornos mofados, caindo em desordem pelo colo.

Passou instante de quase loucura. Virava-se com ademanos estranhos frente ao espelho. O véu enorme, que as traças desfizeram em tantas partes, lembrava enorme teia de aranha, revestindo a face morta, embalsamada, de pele cerosa, amarelecida, e no entanto assistida ainda pelos olhos vívidos, atentos, com um brilho azulado que a alma mesmo em desvario, ainda alimentava...

Quando cansou da estranha contemplação, pensou consigo:

– “... é a hora chegada”. Sentou-se ao pé da cama e chamou a criada – u’a moça velha que assistira seus dias de infância. A mulher atendeu e mostrou-se surpresa ao se defrontar com a patroa, no disfarce cruel que a transfigurava, quase fantasmal, quando não ridículo.

– “... é a hora chegada!” , balbuciava Judith, e as longas mãos acariciavam o busco que arfava desordenado.

– “Dá-me as mãos!”

A criada aproximou-se temerosa. Judith prendeu-a com lubricidade doentia. Seus lábios dei-

xavam escapar coisas terríveis de ouvir, e destilavam um pouco de espuma bem alva, pastosa, repugnante.

A mulher, aterrada, afastou-se.

– “A senhora precisa de remédio!...”

E desceu para a cozinha. Judith parecia transformada. As mãos crispadas alisavam o corpo todo e aos poucos ia se despindo, enquanto repetia:

– “A hora é chegada!...” e ansiava acompanhando no espelho cada movimento. A face desmanchava-se numa máscara de cupidez, obscenidade e luxúria. Mas, ao desfazer-se da blusa, o seu aspecto transformou-se subitamente. Deu um grito lancinante e todo o corpo, há pouco dominado pelo sexo imperioso, relaxou-se por inteiro. Soluçava fundo, os braços apertando, convulsos, os grandes travesseiros e o corpo inteiro se estirando no vazio da cama. Assim Judith passou a noite, numa estranha núpcia com a opressiva solidão, no seu quarto de solteira...

Agora, outra vez, aquela obsessão vai dominando seus sentidos. E a tarde já vai alta, cheia de vento terrível que destroça a calma de Rosário. Judith sente a incontrolável vontade, e o convite se faz bem forte pela voz do mistério, aos seus ouvidos.

– “A hora é chegada...”

Seus lábios tremem e mais acesos parecem seus olhos. Uma forte lufada de vento invadiu a sala, desfez a calma das cortinas e desarrumou as folhas do

livro sobre a mesa. Levou a mão alongada ao pescoço e desafogou a gola alta, desabotoando o camafeu. Sentiu-se mais alentada. Já havia um quase escuro em todo o aposento. De modo cauteloso caminhou até a porta envidraçada, e... de repente abriu-a. Toda a sala ofereceu-se ao vento. Os objetos, os panos, os adornos, tudo se movimentou loucamente, num turbilhão, e aproveitando a hora confusa, Judith encontrou-se na rua. E foi seguindo o vento, e se deixou levar, leve, fantasmal, indecisa, pelo meio do renque de eucaliptos, entre a curiosidade das fachadas austeras que acompanhava a sua aventura através das grandes janelas aclaradas.

Com a sua saída o vento ainda mais desadourou-se. Uivava como bicho doente, enquanto na velha casa a porta escancarada batia como coisa de agouro...

Judith foi-se entre ondas de poeira vermelha. Seu vulto demorou ainda em se perder, já no fim da rua. O cabelo desfeito espalhava-se no tempo, como terrível medusa desenhada no céu da tarde que escurecia... As mãos esguias sustentavam as ânsias que mal cabiam no peito. E ela corria, deixando-se levar, no ímpeto com que a arrastavam os libertos cães, aos quais, por tantos anos alimentara em solidão, com sonhos e desejos...

Por fim a ventania apagou a sua visão empoeirada e a cidade de Rosário acendeu seus bicos de gás para a vigília da noite.

Posfácio

Então sopra um solitário vento do verão...

Por Gustavo Sobral

O solitário vento do verão é o primeiro livro de contos de Newton Navarro, lançado em 1961. Impresso na Imprensa Oficial de Pernambuco, é como consta na edição “uma promoção do Plano Cultural do governador Aluisio Alves (Rio Grande do Norte) através da Secretaria de Educação e Cultura, na gestão do prof. Grimaldi Ribeiro”. Capa com desenho de Navarro, infere-se, porque não há folha de rosto, nem referências no livro, sete contos ao todo em sessenta

e cinco páginas. Segundo notas do jornal *Tribuna do Norte*¹ à época, o lançamento foi sucesso de público.

Algumas décadas depois, em 1998 o livro ganha uma segunda edição. Na oportunidade do lançamento do que se considera as obras completas de Navarro. No entanto, nenhum dos dois volumes publicados incluía seus textos para o teatro. Esses volumes são organizados por Candinha Bezerra, com apresentação do poeta Luís Carlos Guimarães, amigo de Navarro. São publicados por meio da Fundação José Augusto e da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte. Nas orelhas, trecho de correspondência para Navarro de Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado. Nessa segunda edição de *O solitário vento do verão*, há algumas supressões e alterações em relação à primeira edição. Não se sabe se houve uma consulta a algum original; ao autor não seria, pois Navarro falece em 1992.

Nesta terceira edição, se procurou ser o mais fiel possível ao original, sendo as correções de ordem estritamente gramatical. Acredita-se que Navarro, inventivo, vanguardista, também tenha imprimido em sua literatura algumas ousadias. É recorrente o uso de

1 “Coluna de B.W”, colunista Berilo Wanderley, nota “Pelos caminhos da cidade”, *Tribuna do Norte*, sexta-feira, 06 de outubro de 1961.

parênteses que atravessam parágrafos, aspas para marcar o discurso direto, travessões e períodos dentro de períodos. O texto de Navarro é sinuoso, curvo, visual, como seus desenhos. A busca foi pela manutenção do texto da primeira edição, intervindo apenas com correções das “falhas” encontradas. Reeditar uma obra e trazê-la à luz depois de cinquenta anos de sua publicação é resgatar também o período, as formas e as contingências em que o livro foi confeccionado. Possa ser que estudos comprovem, ou desmintam, ou não cheguem a uma conclusão. Esta terceira edição está como prova de que seria possível que Navarro também ousasse na escrita ao desconstruir em parte os símbolos gráficos. É uma suspeita, não uma comprovação, e uma justificativa para uma apresentação tanto quanto possível mais próxima do livro de 1961.

O solitário vento do verão integra a produção literária de Newton Navarro que também compreende poesia, crônica, novela e teatro. Entre as décadas de 1950 e 1980, Newton Navarro experimentará formas literárias diversas para contar uma mesma história: a da vida, do drama e das tramas da gente simples, do povo. Tanto que, inserido no contexto de valorização do local, do social, das raízes, Newton fará a sua obra na esteira do programa moderno, que não outro senão o de descobrir o Brasil nas coisas do povo, na tradição, nos costumes. Newton é o contista que, na verdade, é

um artista multifacetado, pois é também reconhecido e festejado pela sua obra plástica. Pintor e desenhista, foi como se tornou mais conhecido, no entanto, a sua produção literária se iguala em originalidade e beleza a tudo que fez em desenho. Uma figura pública, boêmia, que frequentava os bares da cidade, todos eles, do mais simples aos mais agitados, e que cultivava a amizade, o respeito e o afeto de todos os que o conheciam. Um observador da cena cotidiana e um colecionador de imagens da vida.

Nasceu e morreu em Natal (1928-1992), onde passou toda a sua vida. Navarro é um habitante da cidade. Ele a vive e a retrata, o rio, o mar e o sertão. Não são outros os elementos que habitam os seus desenhos que estas personagens: pescadores, palhaços, cangaceiros, marinheiros, rendeiras, lavadeiras etc. Navarro foi desenhista, exímio desenhista. Vocação que assumiu muito cedo e que levou por toda vida. Navarro foi também o homem das amizades e dos porres profundos. Sua vida ainda não mereceu tratamento biográfico. É de espantar-se que tenha despertado pouca atenção dos pesquisadores, em se tratando da envergadura artística de um homem que transitou pelas artes plásticas e literárias, e que, acima de tudo, foi um poeta da vida. Poucas são as reflexões publicadas sobre seus escritos. Ainda não existe em definitivo uma análise da produção literária de Navarro,

enquanto que sua obra plástica já é alvo de interesse, revelando resultados que reafirmam a necessidade de estudar Navarro. Também é preciso ler Navarro, reler Navarro, comentar Navarro. Navarro é atual e sua literatura tem méritos que ainda precisam ser registrados e propagados para além das fronteiras da sua cidade Natal. A republicação e divulgação de sua obra é ainda uma missão a se cumprir.

Desde sempre, a biografia não escrita de Navarro revela um artista que percorria a cidade. Da intimidade do centro, Cidade Alta, à zona baixa do comércio, Ribeira, transitava nos bares com intelectuais da pequena Natal e com a gente do povo, sobretudo, os pescadores do Canto do Mangue e da Redinha, objeto de seus desenhos e narrativas literárias, na poesia, no conto, na crônica em jornal e no teatro. Também cidadão do mundo, suas crônicas anotam idas a Paris, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Madri, Lisboa. Navarro foi um experimentador de todos os gêneros e em todos eles procurava imprimir o seu estilo próprio. Viajante que volta e meia deixava a sua cidade e corria para desbravar o mundo, apreender o mundo, escutar, ver, observar o que produziram e produziam seus pares. Um cosmopolita observador do trabalho dos seus contemporâneos.

Nos anos 1940, muda-se para Recife/PE. O caminho é o curso de Direito. No entanto, há con-

trovérias se Navarro pretendia mesmo estudar Direito ou se era apenas um meio de viver uma nova vida no efervescente cenário intelectual pernambucano de Gilberto Freyre, Mauro Mota e Antonio Dias. Navarro “perde” a data dos exames para faculdade de Direito e passa ao curso livre de desenho de Lula Cardoso Ayres, momento em que cede à primeira vazão do artista plástico fascinado pela quebra de paradigma que o modernismo lança como bandeira. Os trabalhos desse período fotografam um Navarro de traço solto, seduzido pelo desenho, necessitando expressar o lirismo encantado que absorvia da vida. Um tanto onírico e surrealista que, ousadamente, confiava na recepção da nova estética por um grupo de artistas, dentre eles o célebre Cícero Dias – que aderira ao abstracionismo em voga. A vida no Recife é de entrega à boemia.

Mas Navarro volta para Natal. O amigo Ticiano Duarte² narra o seu retorno: “Newton em Natal, vestido de pintor, com um cachecol, com muito estilo. E foi quando comecei a conviver com ele, já então com dezoito anos, Newton com vinte e um, já nos integramos como de mesma geração, passei a frequentar a boemia, a gostar de literatura”. Nesse regresso, o Na-

2 Entrevista com Ticiano Duarte, em sua residência. Condomínio Edifício Cidade do Rio de Janeiro, rua dr. Nizário Gurgel, 2012, Tirol, Natal/RN, sexta-feira, 26 de outubro de 2012.

varro já artista inaugura a arte moderna em Natal, em 1948, ao expor seus desenhos ao público, sua primeira exposição individual, e, pelo que consta, a primeira exposição de arte moderna em Natal, no salão contíguo à Sorveteria Cruzeiro, *point* de encontro da sociedade. Nesse evento, já alcança a repercussão local que o acompanhará durante toda a sua trajetória como pintor e escritor. No jornal *A República*, a notícia³:

**Exposição de pintura de Newton Navarro
Um novo talento a serviço de uma nova arte**

Acha-se aberta, anteontem, a exposição do jovem pintor conterrâneo Newton Navarro, aluno da Escola de Belas Artes de Recife.

Esse certamente que é inédito para o público natalense por se tratar de arte nova, ainda não exibida nesta cidade, tem atraído numeroso público.

Em todos os trabalhos de Newton Navarro há um cunho de originalidade. Destacamos, entre eles, na secção de aquarelas: ‘Negros do Cacau’, ‘Detalhes de Altar’ e ‘Detalhes de Mosteiro’. Na secção de desenhos a bico de pena, ‘Rosto de Cristo’ e ‘Ponta Negra’, expressiva paisagem praiana. Na sessão de crayon, ‘Retirantes’.

Há, entre outros, quadros apreciáveis pela téc-

3 *A República*, quinta-feira, 30 de dezembro de 1948, n. 290, p. 6.

nica e pelo colorido, evocando paisagens, pessoas e símbolos que, para não se destacarem dos citados, nem por isso deixam de merecer a admiração dos que apreciam a arte moderna a que se filiou Newton Navarro, um dos mais esperançosos pintores da nova geração.

57 trabalhos com uso dos mais diversos materiais, entre nanquim, carvão, óleo, aquarelas. Navarro mostrou ao público homens, mulheres, paisagens, abstracionismos, uma variedade de experimentos. Na abertura, Antonio Pinto de Medeiros, jornalista, intelectual, que possuía uma coluna de crítica cultural no jornal *Diário de Natal* e que, nos anos 1950, estimularia a produção da nova geração de artistas potiguares, pronunciou algumas palavras, seguido por Grimaldi Ribeiro, então estudante de Direito da Faculdade do Recife, primo e amigo de Navarro. A exposição foi concorrida, era novidade. Navarro convidava a todos que passavam pela rua para entrar, observar e conhecer.

Inovador e sempre na vanguarda, a formação de Navarro é de um observador da produção contemporânea, um artista que procurava se atualizar. Navarro parece sempre atento aos movimentos artísticos e às inovações estilísticas. Seguiu sempre experimentando, à procura de seu próprio estilo, o qual fixará deixando uma marca pessoal e autêntica. Muitos são os pontos

de confluência que permitem afirmar que a obra de Navarro é única. Registramos que não se pode compreender a sua produção literária sem considerar a sua produção plástica, e vice-versa. Nos anos 1940, um Navarro sob a influência do Picasso cubista abandona o corriqueiro da tinta a óleo sobre tela pela tinta à base de água, aquarela e guache, experimentando também o nanquim colorido, café, chá. Navarro está à procura de sua arte. Não será de todo absurdo aproximar o seu trabalho plástico desse momento com os temas e os motivos de Portinari e Di Cavalcanti. A vanguarda combinava a experimentação com o cubismo e a escolha de temas regionais. Navarro chega a assinar os seus desenhos com Di Navarro, uma clara referência a Di Cavalcanti.

É preciso entender que depois da Semana de 1922, a cultura no Brasil estaria totalmente impregnada do brasileiro. Os estudos culturais de Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo, o regionalismo na literatura de Graciliano Ramos, os temas sociais na poesia de Drummond, as mulatas e os cabarés nas telas de Di Cavalcanti, o trabalho no campo e a miséria da seca em Portinari. Nesse caminho, Navarro partiria para as cenas da praia, da lida dos pescadores, para o retrato dos cangaceiros, para os costumes do sertão, na composição dos seus desenhos e dos seus contos e crônicas. O abstracionismo passa a ser um tema de

experimento e o figurativo assume espaço definitivo na sua produção. A obra de Navarro será profundamente social.

As artes plásticas firmavam-se num circuito próspero em que se registrava: a fundação da Sociedade de Arte Moderna no Recife, idealizada por um artista contemporâneo de Navarro, Hélio Feijó; a criação do MASP, em 1947; do Museu de Arte Moderna de São Paulo e do Museu de Arte Moderna no Rio, ambos em 1948, completando o tempo que se escrevia com a redemocratização do Brasil, eleições convocadas, fim da Ditadura Vargas, móveis de Calder expostos no Brasil e Pollock, nos Estados Unidos, lançando o seu abstracionismo. Abstracionismo e figurativismo serão as correntes que perdurarão pelos anos 1950. A arte e a poesia concreta surgirão em cena. Navarro não estará alheio e fará a sua opção, que será pela sua realidade e, por isso, será sempre, nos desenhos e nos contos, um cronista do cotidiano, dos hábitos simples, do dia a dia e da paisagem de uma cidade ainda pequena e bucólica que era Natal, divida entre a cultura do mar e a cultura do sertão. Suas memórias da vida no sertão inspirarão os seus contos, suas andanças pela Redinha as suas crônicas mais belas, evocando o rio, os pescadores, a vida praiana.

Dorian Gray Caldas, artista plástico, poeta, ensaísta, parceiro de Navarro na aventura moderna

das artes plásticas, justifica o caminho tomado pelo figurativismo, o mesmo escolhido por Navarro. Por volta de 1953, Dorian Gray começa a dominar a figuração.

A figuração é própria da arte brasileira, não tinha porque fazer abstração. A abstração era uma solução para uma arte de extremo, o Brasil não tinha tradição para uma arte de extremo. A cópia foi o exercício, de Portinari, “uma mulher chorando”, peguei um Van Gogh para copiar de uma revista, aquele que é um terraço noturno; de Cézanne, “Jogadores de carta”. Apresentei vinte trabalhos no Salão, entre cópias e desenhos autorais. Veríssimo de Melo fez uma crônica favorável na época. Navarro tinha amizade com a geração da pintura e do desenho Hélio Feijó, Lula Cardoso, Mauro Mota, um pessoal do Recife que começou a se corresponder com a gente.⁴

Nos anos 1950, Navarro e Dorian Gray sacudirão o marasmo da cidade, anota o cronista Veríssimo de Melo em suas crônicas no jornal “A República”, com uma série de exposições que acabam por celebrá-los como personalidades da cidade, artistas

⁴ Entrevista com Dorian Gray Caldas, Natal/RN, 10 de fevereiro de 2011.

genuínos, reconhecidos, de valor, e em trânsito por todas as esferas, dos pescadores aos intelectuais e políticos. Navarro, Dorian Gray Caldas e Ivon Rodrigues expõem no I Salão de Natal (1950) trinta telas. Veríssimo de Melo comenta: “Newton frisou que os trabalhos ali expostos representavam o melhor esforço de três moços que entendiam, como Van Gogh, que deveriam pintar o que viam e não o que os outros viam”.⁵ Os anos 1950 serão marcados pela tendência para o figurativismo e para a saturação do abstrato. A arte reaproxima-se da realidade.

Os anos 1950 também anunciam o Navarro boêmio, que, por onde passava, conquistava afetos, solidificava amizades, como a do poeta Luís Carlos Guimarães, que destaca, no prefácio das *Obras completas*, a faceta do Navarro *causeur*: “enfeitiçava os ouvintes com um vocabulário de magia, alternando com os gestos e a entonação da voz, animando qualquer conversa, fosse o tema a amenidade do dia a dia ou a gravidade de um assunto que exigisse uma observação mais séria”.⁶ A sua vida era a sua literatura. Na apre-

5 MELO, Veríssimo de. A República, 12 de abril de 1950. In: CALDAS, Dorian Gray. *Artes Plásticas do Rio Grande do Norte 1920-1989*. Natal: EDUFRRN, FUNPEC, SESC, 1989, p. 30.

6 GUIMARÃES, Luís Carlos. Prefácio. In: NAVARRO, Newton. *Obras completas*. Natal: Fundação José Augusto: FIERN, 1998. 2 volumes, v. 1.

sentação do livro de crônicas *Beira Rio* (1970), Navarro aponta que o caminho de sua escrita é simplesmente o caminho da vida. Ele afirma:

Devo estas anotações – quase narrativas, primeiramente ao Rio Potengi, sua água, seu leite, suas margens, seus barcos e navios, seus mistérios.

Devo, ainda, às conversas, PROSAS, anedotas, o dia a dia vivido com fraternidade, aos muitos amigos que, generosamente, quase que escreveram com a sua amizade muitas dessas linhas.

Essas anotações, à maneira de um “longbook”, poderiam começar na Confeitaria de Olívio Domingues – “mestre” Olívio, continuar seu curso até à casa de compadre Zé Arruda (caldo de feijão verde, panelada, buchada, manjuba frita, que o “tio” Vitor traz da Barra), alcançar o meio da Avenida, no balcão hospitaleiro de Araújo, onde Silvio Caldas deu entrevista, bebeu e cantou e onde o poeta Sanderson distribui amostras grátis de Poesia; e por fim o nosso BEIRA-RIO, porto de ir-e-voltar, hospedaria, acolhida, chegada dos “guerreiros”...

O cenário de sua vida eram os bares da cidade, a Confeitaria Delícia, de seu Olívio na Ribeira, o Granada, de Dom Nemésio, espanhol de origem, na

av. Rio Branco, Cidade Alta. E tantos outros. Navarro habitava a vida. Deixava-se ficar nas mesas dos bares, nas mais animadas e assíduas, cercado pelos seus amigos Luís Carlos Guimarães, Berilo e Maria Emília Wanderley, Albimar Marinho, entre tantos outros. Recitavam García Lorca, Neruda, os grandes poetas. A vida e a bebida eram o exercício da liberdade e condição para a criação. Em entrevista ao programa *Memória Viva*⁷, declarou:

Duvido muito do poeta que não bebe. As pequenas observações que ele, natural (sóbrio), não teria observado, a euforia que nasce nele ou, às vezes, a revolta, tudo isso vai concorrendo para que, depois, em estado não mais etílico, possa transformar todas aquelas observações em poesia.

Foi o que aconteceu com todos os poetas. É o caso de Baudelaire, quando ele pede num poema “Embriagai-vos”. Ele começa no vinho, depois vai para outras bebidas (da época). Depois “se não tiverdes mais nada com o que embriagar, embriagai-vos com a virtude, mas embriagai-vos”.

Quando eu não tiver mais condições de andar

7 LYRA, Carlos (Coord). *Memória Viva de Dorian Gray Caldas, Newton Navarro Bilro, Leopoldo Nelson*. Natal: EDUFERN, 1998, p. 59.

pelos bares para me embriagar, até de virtudes, e dizer do que penso, saibam sentir na cor e nas limitações das palavras que, pelo menos, de todos os meus defeitos, eu fui simples, leal aos amigos e a minha arte, e, sobretudo, resumindo no verso de Shakespeare: “fui fiel a mim mesmo”.

Formava-se, nos anos 1950, um renovado cenário das letras potiguares, no qual se inseriu Navarro. Uma cena movimentada pelos suplementos literários feitos de poemas e artigos, onde os consagrados Américo de Oliveira Costa, Luís da Câmara Cascudo e Edgar Barbosa apadrinhavam os chegados: Zila Mamede, Nei Leandro de Castro e Newton Navarro, entre outros. O clima social e político era favorável à efervescência da cultura potiguar. Antonio Pinto de Medeiros, na sua coluna no *Diário de Natal*, fazia crítica séria e imperdoável, na qual não cabia elogio desbaratado nem tampouco simpatias e apadrinhamento. A mudança de governo, com a morte do governador Dix-Sept Rosado (1952) e a posse do vice, Sylvio Pedroza, promove um impulso na produção cultural do estado. A coleção Jorge Fernandes publicará os novos poetas que timidamente começavam a produzir, poetas que se tornariam grandes nomes na literatura potiguar. Zila Mamede, em 1953, publica seu primei-

ro livro: *Rosa de Pedra*; Celso da Silveira, *26 poemas do menino grande* (1952); e Sanderson Negreiros, *O ritmo da busca* (1956). Navarro, em 1953, se lança na poesia e sai com o seu *Subúrbio do silêncio*, que depois renegaria, tratando por obra da juventude.

Nesse livro, Navarro apresenta quatorze poemas, curtos, bem do modernismo, embora os temas explorados ainda sejam os dos românticos: amada, tempo que se esvai, a fugacidade da morte, o drama do amor, a desolação pelo que perde da vida, o saudosismo. Poemas que revelam um poeta que cria paisagens, anota cenas do cotidiano, sente-se solitário, melancólico e que escreve revelando a presença das cores na paisagem e na alma, como se dissessem o estado de espírito do poeta no drama de sua poesia. Dentro do azul vive um anjo, o coração é mistério vermelho, o gesto se desenha, o quintal é cinzento, o sol tem a cor de ouro antigo. Até o silêncio é colorido e as poças de lama têm o som verde. O Navarro poeta do *Subúrbio* é o poeta que semeia a brevidade da vida, que fala do tempo, que trata dos bichos (Sapo, Aranha, Abelha), que sente e evoca suas impressões e sentimentos perante o mundo.

Em 1955, Navarro apresenta o *ABC do cantador Clarimundo*, ganhador do primeiro Prêmio de Poesia Câmara Cascudo, concurso literário promovido pela prefeitura de Natal. Um longo poema narra-

tivo, a espelho do que teceu o poeta João Cabral de Melo Neto, em *Morte e vida severina*, publicado no mesmo ano. Câmara Cascudo dirá na apresentação: “uma experiência humana e coletiva que vive o destino genérico da região. O poema reassume as vozes tradicionais da terra na autenticidade de um símbolo palpitante”. Um cordel que narra a saga de um cego cantador de viola que anda solto pelo mundo, partidário da vida sofrida do sertanejo, admirador do protetor dos oprimidos, o cangaceiro Lampião, que passa por Monte Santo (alusão a Canudos); uma vítima das injustiças sociais, que padece na mão da polícia, opressora e violenta, quando deveria salvaguardá-lo.

Uma literatura em sintonia com o moderno, traçando uma ponte com a tradição e inaugurando o novo. Na literatura potiguar a poesia reinava. A produção de contos era muito tímida, como bem nota Tarcísio Gurgel⁸, até Navarro, em 1961, lançar *O solitário vento de verão* e Nei Leandro de Castro, em 1966, o *Contistas norte-rio-grandenses*, uma antologia. Navarro inaugura, portanto, uma vertente muito ausente na literatura potiguar ao propor um livro de contos inédito. Inédito, porque não é fruto de compilação de contos publicados em jornais ou

⁸ GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

revistas, mas confeccionados propriamente para o livro. Os livros de Navarro todos eles nasceram livros, à parte somente as crônicas não selecionadas, fruto de coletânea de textos que publicava nos jornais. O Departamento Estadual de Imprensa e a gráfica Manibu, da Fundação José Augusto, serão as rotativas dos livros de Navarro. Alguns com desenhos do próprio autor na capa. Em *Subúrbio do silêncio*, primeiro livro, uma cidade; no *ABC do cantador Clarimundo*, uma rabeça; em *O solitário vento do verão*, uma árvore ao vento, nas *30 crônicas não selecionadas*, um desenho abstrato; em *Beira Rio*, a cachorra Aparecida, uma das personagens; em *De como se perdeu o gajeiro Curió*, um marinheiro. Nas epígrafes, encontramos Vinicius de Moraes, Jorge Luis Borges, Caetano Veloso, Jorge Amado, Camus, Dorival Caymmi, Veríssimo de Melo, Cascudo.

Navarro, nos anos 1960, exatamente em 1961, ano em que publica *O solitário vento do verão*, já era um escritor frequente das crônicas publicadas em jornal. Navarro tem uma veia jornalística e nas suas crônicas outro não é o estilo que o da crônica moderna totalmente impregnada pelos temas do jornalismo: a provocação dos fatos diários e a aproximação com o cotidiano e com os temas sociais, assuntos que são a marca do gênero como ele se desenvolve no Brasil por Rubem Braga, Drummond e uma plêiade de auto-

res que a literatura brasileira consagraria. Drummond era também um escritor plural não se destacando somente como um poeta brilhante, mas um cronista de fôlego e um contista notável. Navarro segue na mesma esteira. Seu segundo livro de contos, *Os mortos são estrangeiros*, publicado em 1970, merece comentários de Drummond e de Érico Veríssimo, com destaque para o conto “Os cavalos”, presente no primeiro livro e curiosamente incluído no segundo.

Drummond escreve:

Prezado Newton Navarro: seus contos foram para mim uma surpresa boa. A começar pelo caso do Boi Milonga, com traços paisagísticos que iluminam a narrativa (“o grupo esguio das carnaúbas que espana o claro do tempo”) e a notação rápida, dizendo mais que a circunstanciada informação da morte do animal (“o rastro da cobra na areia frouxa”). Vi imagens de cinema em suas histórias. A bela gravura sensual de “Os cavalos” deixa marca na lembrança. Você soube ligar terra, bichos e gente em trama sensível de palavras. Pena que o livro seja tão breve: fica-se desejando mais.

E assim testemunha o que se encontra na face contista de Navarro. Impressão não outra que vem de Érico Veríssimo: “sua prosa, meu caro Newton, é

duma precisão, duma concisão que me lembra a do Graciliano. Seca e despojada como a paisagem nordestina. Mas rica e bela não apesar e mas por causa disso... Parabéns!”⁹

Navarro foi um pintor, poeta, cronista e um contista moderno. Leitor de Faulkner e de Hemingway, tão em voga nas rodas literárias natalenses. Absorve e emprega a capacidade de imprimir na narrativa o drama da personagem numa perspectiva subjetiva; a frase na ordem direta, curta, visual, limpa, objetiva, não por isso, menos poética. Em uma de suas *30 crônicas não selecionadas* (1969), textos que lançara em jornal, Navarro narra um encontro com John dos Passos, que Woden Madruga, em entrevista¹⁰, afirma ter sido em Natal, no bar da Rampa, nas Rocas, quando da vinda de John dos Passos ao Brasil. Um encontro por puro acaso. Navarro chegava ao bar para encontrar os amigos e se depara com John dos Passos: “E quando lhe falei de Faulkner e Hemingway, que juntamente com ele formaram o grande trio da chamada ‘geração perdida’, as suas repostas às minhas indagações pare-

9 VERÍSSIMO, Érico. Orelhas. In: NAVARRO, Newton. *Obras completas*. Natal: Fundação José Augusto: FIERN, 1998, 2 volumes, v. 1.

10 Entrevista com o jornalista Woden Madruga, na redação da *Tribuna do Norte*, Ribeira, Natal/RN, quarta-feira, 17 de outubro de 2012.

ceram mais sentidas. Como se falasse de sua casa, de sua família, assim como da sua horta”.¹¹

Navarro estava atualizado. O interesse na literatura está no drama pessoal, que envolve vivências particulares, com a forte manifestação das experiências e motivações do artista nas suas criações. Se como desenhista soltou a forma, lição do abstracionismo, e voltou-se para o figurativismo; como poeta, rompeu com o verso metrificado, com a prática do verso livre; na crônica, assume o lirismo da narrativa da vida cotidiana, simples, coloquial; no conto, realista como Faulkner, explora o drama das personagens, optando pelas frases curtas, valendo-se do fluxo de consciência, compondo cenas como no cinema, planos, panoramas. Navarro é também um contista visual. Propõe uma visão particular para os dramas e agonias da existência humana e compõe retratos.

O solitário vento do verão é lançado na Primeira Praça de Cultura de Natal, evento promovido pelo governo do estado e pela prefeitura. Uma série de eventos culturais durante uma semana que contemplou também lançamentos literários. Veríssimo de Melo trouxe o seu livro *Cantador de viola*, Jaime

11 NAVARRO, Newton. 30 crônicas não selecionadas. In: *Obras completas*. Natal: Fundação José Augusto: FIERN, 1998, 2 volumes, v. 1, p. 233.

Wanderley, o seu *Macambira*, na ocasião saudado pelo amigo Newton Navarro, títulos que vieram a público durante o evento, lançamentos que ocorreram na barraca da loja de livros. A Primeira Praça da Cultura de Natal foi um evento amplamente noticiado pelos jornais que anunciavam os lançamentos do dia e a repercussão do dia anterior. O expediente constava de saudação do autor por alguma personalidade, apadrinhamento e noite de autógrafos. No lançamento do livro de Navarro, a apresentação foi feita pelo Secretário de Educação, prof. Grimaldi Ribeiro, primo de Navarro, companheiro no tempo do Recife; e, em nome da cidade, o bacharel Ticiano Duarte, chefe de gabinete do prefeito Djalma Maranhão e amigo de Navarro. A madrinha de Navarro, Iracy Pereira, Rainha do Algodão de Currais Novos, também autografou os livros. Berilo Wanderley contabiliza o sucesso do evento: Navarro foi o autor mais vendido.¹²

Em *O solitário vento do verão*, sete contos marcados pela presença da vida, momentos transformadores na trajetória das personagens. É como se se dessem conta que por uma prédica do destino estão

12 Notícia de Berilo Wanderley em sua coluna diária na *Tribuna do Norte*. “Coluna de B.W.”, colunista Berilo Wanderley, nota “Pelos caminhos da cidade”, *Tribuna do Norte*, sexta-feira, 6 de outubro de 1961.

mudados, nunca mais serão os mesmos. Nas epígrafes espalhadas por seus livros, Navarro revela algumas pistas de leitura, e talvez de alguns dos seus caminhos. Clarice Lispector está demarcada. A existência que não se basta em razão da força maior da vida e uma perturbação interior, como se de repente algo, como no conto “Os cavalos”, o inesperado, acontecesse e o mundo passasse a ser visto de outra forma. Os contos de Navarro são habitados pela mudança. Uma perturbação, uma inquietude. Assim também é em “Um fruto verde”, “Raízes”, “As três serenas manhãs do galo amarelo”, “Tarde”, “Três frutos podres”, e no conto “O solitário vento de verão”.

Não só essa descoberta de si mesmo marca os contos de Navarro. Há uma crueza, uma brutalidade do destino marcando as personagens, cercando-as de alguma adversidade a que são reticentes. O designo encurrala, a ordem é rompida, mas a vida tem que retomar o seu curso. A descoberta de si mesmo e do mundo, o avanço do tempo, lento, passo a passo, como se registrasse um instante ou uma cena, numa vida pega de surpresa em algum ponto, para assim nos contar o drama da existência. Assim Navarro procede, revelando mistérios. Há uma surpresa e expectativa que vão se satisfazendo a cada ponto que avança a narrativa. O pintor se revela na literatura com as imagens que cria. A pobreza material aponta as mãos que

sempre são rudes, calejadas. Seus personagens são a gente do povo diante das contingências da vida.

Há cuidado na escolha das palavras, mais apropriadas, comuns às coisas do hábitat do sertão, os lajedos, o caixão da lagoa, o sentimento dos pés descalços que sentem a “friagem”; e, em epígrafes espalhadas pela sua obra, uma pequena pista de que era um leitor de Guimarães Rosa. Navarro foi um homem da cidade, mas, como Guimarães Rosa, com a alma no espaço do sertão. Desenhou cangaceiros, vaqueiros. Seu pai trabalhava em fazendas de algodão em Lajes, interior do Rio Grande do Norte. Navarro caminhou muito por aquele mundo na infância. Em suas crônicas, escrevendo de Paris, numa estação de trem, lembra e cita de passagem suas férias da infância e nomeia os municípios de São Miguel, Santa Cruz, Nova Cruz... O lugar na sua obra literária são todos os lugares, pode ser uma vila de pescadores, tudo é muito indefinido e por isso universal. Mas também muito definido. A paisagem é a natureza, os animais, a vida simples e despojada.

Alguns contos de *O solitário vento do verão* começam com o vento, talvez o protagonista maior, porque nele impera a mobilidade e o transitório da vida: “com a chegada da noite o vento foi reinando...” (“As três manhãs do galo amarelo”); “toda tarde foi de vento forte, raspando o telheiro baixo e sujo...” (“A

tarde”); “Depois da chuva ficou o vento frio...” (“Três frutos podres”); a beira do rio onde se banham os meninos, em “Os cavalos”: “onde o vento fresco encrespava pequenas ondas de espuma amarelada”. “Como ventou, àquela tarde em Rosário”, em “O solitário vento de verão”. O vento é aquele tudo conduz, que dita o tempo, revolve o espaço, espalha o drama que se aquieta, segue na contramão, incólume, um vento que solitário, neste conto título do livro, leva a personagem, tomada pelo imobilismo, a perceber que para romper é preciso fazer como o vento, passar, levar, empurrar, espalhar, seguir.

Navarro espelha nos seus contos o caminho da liberdade, a necessidade de agir mesmo que o destino esteja selado e que não haja contra o que lutar. A força de viver é maior. Trata-se da necessidade de ir sempre em frente, mesmo esmagado pelo destino. Com isso, Navarro está legando aos seus contos um tanto do que foi a sua vida, uma total entrega ao simples ato de viver desmedidamente e de transformar a existência em algo significativo, lutando contra o que aprisiona, fenece, recolhe, estagna.

O vento de agosto que sopra em todos os contos parece que conduz as cenas e as intrigas de cada narrativa. Mas o fio da esperança sempre se conserva. O caminho das personagens é sempre de mudança e de transformação. Algo nasce da dor, nem que seja

a perplexidade, o espasmo, a continuidade ou a ruptura. A transformação é uma tomada de consciência de si no mundo. Navarro escreve seus contos do jeito como se conta uma história oral, como se desfia um caso. Um efeito que, embora pareça fácil e aparente, como se se falasse como se escreve, revela um autor com profundo domínio da palavra e das técnicas narrativas. Navarro sabe construir uma personagem em sua complexidade. Ele elenca sua natureza psicológica, constrói os cenários com os elementos necessários e ao destacar detalhes constrói imagens visuais com economia de palavras e com a riqueza do poeta que é.

Experiências mínimas, como um simples fechar dos olhos, são descritas com a beleza que revela um autor atento ao menor dos detalhes, que nada deixa escapar ao necessário na construção de suas imagens. Econômico, mas preciso. Como a cena em que o menino sai da lagoa e se deita às suas margens, em “Os cavalos”:

Pedro foi o primeiro a cansar. Saiu resfolegando para a ribeira e daí alcançou o lajeiro. Estirou-se à vontade. Fechou os olhos porque a claridade era muito intensa. Sob as pálpebras cerradas, parecia-lhe que se agitavam sem número de pontos luminosos. Estrias de súbita luz arroxeadas; riqueza de tons doura-

dos, pretos, aveludados e dominantes. Espalmou a mão sobre a testa e emborcou-se.

Navarro escreve ciente de que para criar literatura é preciso despertar a consciência do leitor, movê-lo pela vida e pelas paixões. Compartilha da confissão de Guimarães Rosa:

[...] o leitor tem que ser chocado, despertado se sua inércia mental, da preguiça e dos hábitos. Tem de tomar consciência viva do escrito, a todo momento. Tem quase de aprender novas maneiras de sentir e pensar. Não o disciplinado – mas a força elementar, selvagem. Não a clareza – mas a poesia, a obscuridade do mistério, que é o mundo. E é nos detalhes, aparentemente sem importância, que esses efeitos se obtêm. A maneira-de-dizer tem de funcionar, a mais, por si. O ritmo, a rima, as aliterações ou assonâncias, a música subjacente ao sentido – valem por mais expressividade [...]. Tudo é trabalhado, repensado, calculado, rezado, refervido, recongelado, descongelado, purgado e reengrossado, outra vez filtrado.¹³

13 GUIMARÃES, Rosa. Carta a Curt Meyer-Clason. In: MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001 p. ix e x.

Navarro atinge um lirismo profundo. Seus contos têm cor, cheiro, sons, revelam o íntimo das personagens, as desnuda na crueza dos pensamentos, medos, esperanças e frustrações. Navarro viveu para contar. Um tanto do espírito desbravador foi o motor da sua literatura. Navarro foi total, se entregou à vida crendo que a experiência de viver é sempre única, ciente de que a cada passagem nada seria como antes. Em cada noite, em cada entrega, cada conversa, buscou o motivo da inspiração e a força para criar. Sem entrega não há vida, tampouco arte. A embriaguez chama à flutuação, liberta do real, desperta a fantasia e recria o mundo. Se a lucidez é opressiva e uma vida regrada um contrassenso, o devaneio provocador é libertador. É impossível criar sem transitar pelas fronteiras entre a vida formal, diária, que passa na rua; as madrugadas, que pulsam; e as noitadas, que se prolongam apagando o mundo que será posto na criação. Então sopra um solitário vento do verão...

